

# OFICINA DE POESIA

Revista da palavra  
e da imagem

trianual. n° 1 - série II  
junho 2002  
preço: 6,30 €



## Poemas Inéditos

Adília Lopes . Ana Hatherly . António Vilhena . Casimiro de Brito .  
John Havelda . Leonard Schwartz . Linda Russo . Manuel Portela .  
Martin Earl . Michel Delville .

## Ensaio

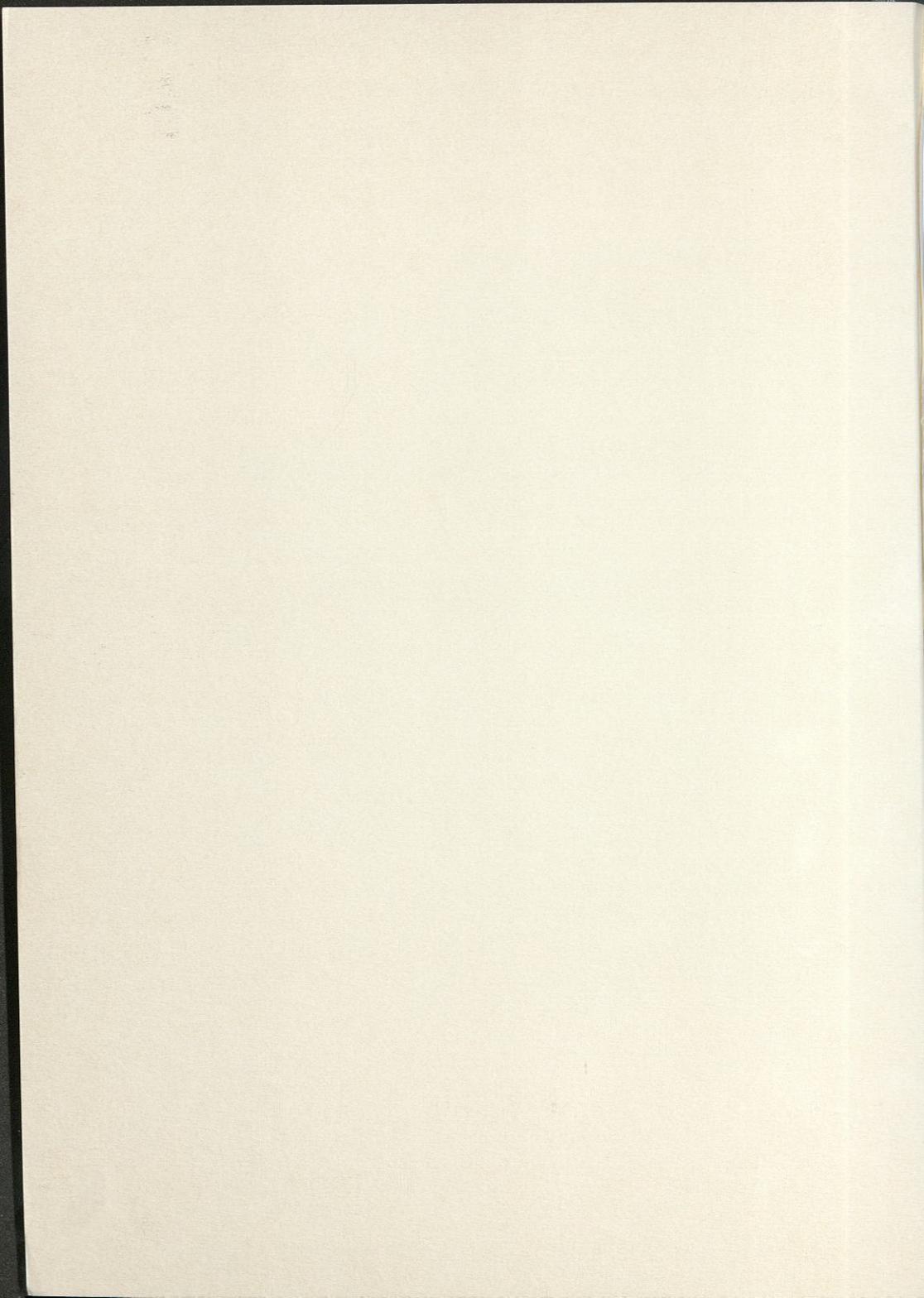
Régis Bonvicino

## Recensão

Graça Capinha

## Fotografia

A. Manágua . Nuno Carrilho .  
terrassilva .



revista

# OFICINA DE POESIA

N.º 1

Série II

Coimbra . 2002

## Ficha Técnica

Directora	Graça Capinha
Subdirector	Jorge Fragoso
Conselho de Redacção	Cristina Néry, Graça Capinha, Jorge Fragoso, Luís Fazendeiro, Miguel Carvalho, natália teles nunes, Rui Bastos
Conselho Editorial	Alberto Sança, Alcina Marques de Almeida, Ana Cristina Pereira, Andreia Rafael, Carlo Ruas, Célia Gonçalves, Cláudia Afonso, Cláudia Pinto, Emiliana Cruz, João Rasteiro, Jorge Andrade, Liliana Vasques, Marisa Henriques, Nuno Carrilho, Nuno Santana, Nuno Seiça, Paulo Dias, Susete Fetal, terrassilva, Tiago Faria
Colaboração especial	A. Manáguia, Adília Lopes, Ana Hatherly, Alexandre Cartaxo, António Vilhena, Carla Branha, Carla Vaz, Casimiro de Brito, Filipe Cravo, John Havelda, Kalash, Leonard Schwartz, Linda Russo, Manuel Portela, Maria da Conceição Ruivo, Martin Earl, Michel Delville, Paulo Barbosa, Pedro Fabião, Pedro Ferreira, Régis Bonvicino, Sandra Rosa
Propriedade Edição	Oficina de Poesia e Palimage Editores Palimage Editores
Capa Arranjo Gráfico	Fotografia de terrassilva Palimage Editores
Apoio	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Retoria da Universidade de Coimbra. CES – Cento de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
Contactos	Palimage Editores Apartado 3105 3511-902 Viseu e-mail: palimage@palimage.pt oficina_de_poesia@hotmail.com
ISSN	1645-3662
Depósito Legal	182704/02
Execução Gráfica	Secção de Artes Gráficas das Oficinas de Trabalho Protegido da APPACDM de Braga · Rua da Bouça, Quinta do Amorim, Gualtar – 4710-053 BRAGA Tel. 253 603 270 · Fax 253 679 758

EDITORIAL

# OFICINA DE POESIA

revista da palavra e da imagem

Neste novo número encontramos, entre outros poemas, o de Fernando Pessoa mesmo (trabalho, cada vez mais fértil, do poeta e do crítico), o de todos os poetas que se inscreveram no "Oficina de Poesia" e os poemas de Jacques Prévert que se quiseram publicar, assim como os poemas de outros poetas que completam a linguagem.



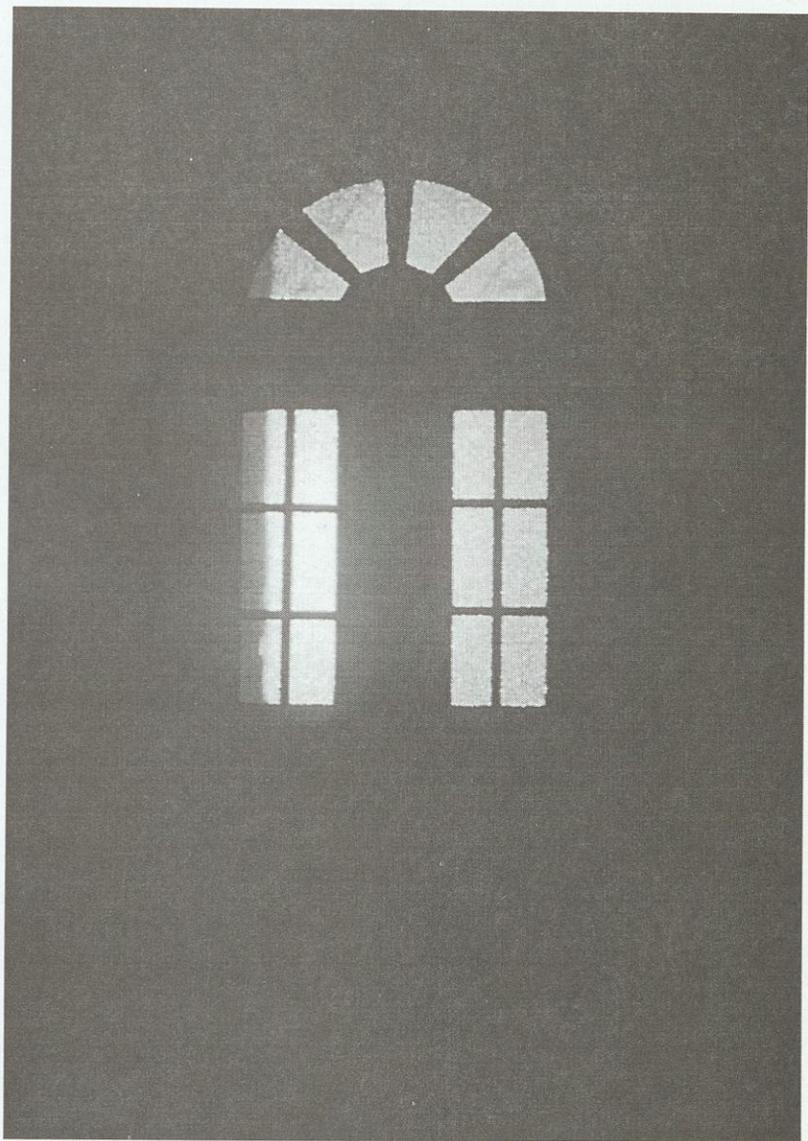
## EDITORIAL

No momento da edição do número 1 da revista *Oficina de Poesia* somos levados a olhar para o trabalho que temos vindo a desenvolver e a reconhecer que este teima, agora, em ganhar um pendor mais sério, como se nos fugisse para a frente. Já lá vai algum tempo desde as caras conhecidas que corriam para se juntar, à tardinha, para falar sobre poesia até ser já quase dia. Passaram os pretextos, é tarde, e os braços cresceram juntos e as conversas entrelaçaram mais vozes e trouxeram outros braços. As histórias fizeram-se palavras e silêncios e imagens embora poemas. Foi quase sempre muito assim. Noites e noites entre vozes. E redobrávamos os sentidos para esgravatar, ainda mais, com a nossa cobiça, linguagens, nas quais o acto criativo se revelava constantemente familiar. Encolhidos os medos, mais lúcidos, tudo se alargou em gestos um tanto à força, um tanto empurrados e arriscámos abrir intimidades de muito longe, porque já não se bastam em si, pela existência, pela poesia. É sabido que gostamos de mudar, abrir sentidos, às vezes, como se empolgados por um tal desassossego que sem ver contornos, nos intriga e envolve. E se, como alguém disse, a loucura é o que nos move, então, esta, nossa, é feita de caras muito sérias, e sopra-nos das mãos pela procura sempre da entrega às palavras que melhor digam.

Neste novo número continuamos, "(des)coordenados", a estender o mesmo ritual, cada vez mais forte, aspirando à divulgação do trabalho de todos os poetas que se encontram na "Oficina de Poesia", mas, também, daqueles outros que se quiseram juntar, para grande entusiasmo nosso, e que completam a imagem.

No meio de tudo isto, resguardamos, ainda, a continuidade da nossa participação nos *ateliers* do Centro de Estudos para as Artes de Belgais e celebramos a edição de mais um livro de uma das nossas poetisas da Oficina, Emilian Cruz, uma vez mais pelas mãos da editora Palimage que, apesar de tudo, continua a espalhar a produção desta, ainda pequena, comunidade de poetisas. Assim, renovamos a palavra de apreço ao nosso editor, que muitas noites tem dobrado, sobre si próprio, alinhavando escritas e gerindo as aflições vividas inteiramente contra o tempo.

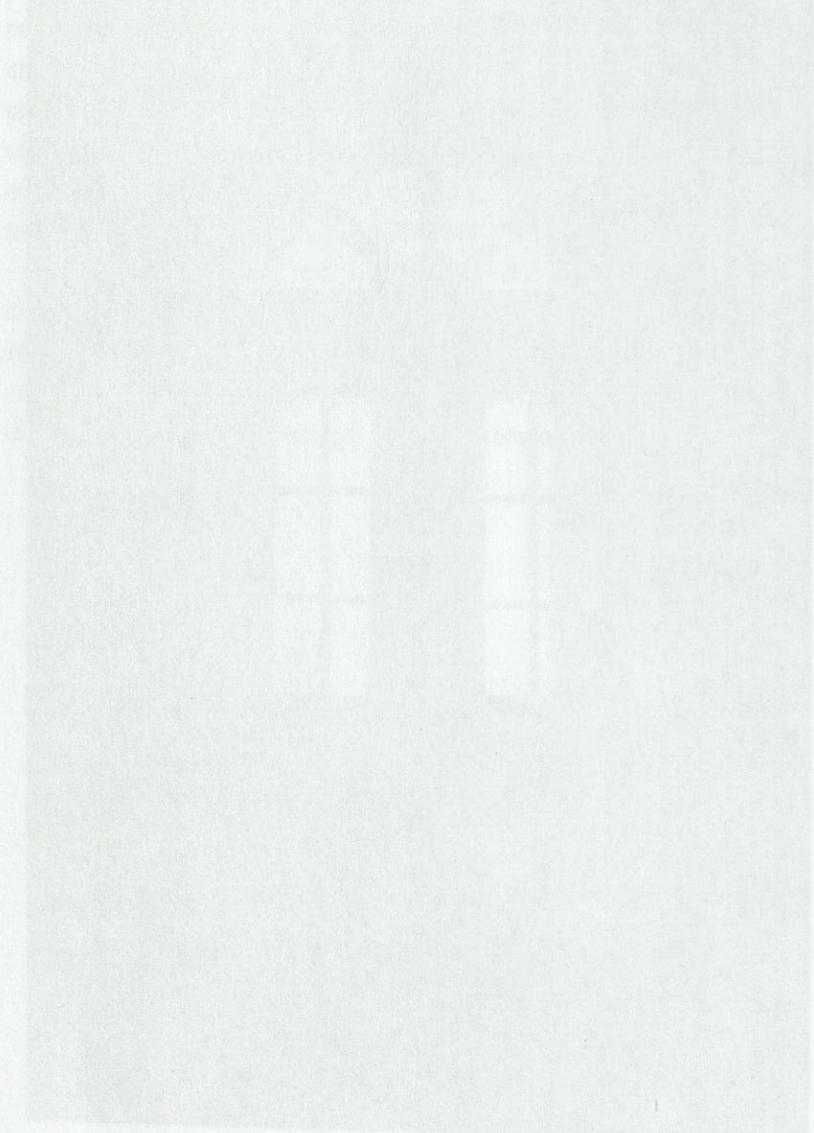
Em nota final, há que imaginar bem os vários momentos, somente iniciados, guardados devagar, que batem em cheio, altos, breves, como se todos fossem entrando com a sabedoria de quem quer vir a si. Ou porque ressaltam meramente e nos ligam a sentidos impenetráveis. E o resto, é uma vontade enorme de ressurgir. Começa o tempo onde o poema começa.



av[228229]

... sus, resp. en sus, y en la continuidad de la vida

... de la vida, y en la continuidad de la vida



A viagem da virgem

1

Melhor  
é experimentá-lo  
que julgá-lo  
mas julgue-o  
quem não pode  
experimentá-lo \*

Eros

quer-se puro  
ou não se quer

Eros

quer-se frenético  
como as escarpas

Eros

quer-se mudo  
como as carpas

Mas as cartas de jogar  
(bridge, canasta, king)  
são tão ridículas  
como as cartas de amor  
ou mais

\* *Os Lusíadas* (IX, 83)

A melhor música  
ainda é o silêncio  
o silêncio verde esmeralda  
das papoilas  
o silêncio verde rubi  
das andorinhas

Quero ser sempre  
a pupila aplicada  
a escrever sentada  
na Primavera  
uma redacção escolar  
sobre a Primavera  
(sou e não sou sincera)

2  
I love love  
disse Eurydice

Não nascemos  
ensinados  
não morremos  
ensinados

Viver  
é ver  
é vir ver  
(fui ver:  
a neve caía)

Tâchons  
d'entrer  
dans la mort  
les yeux ouverts  
les yeux verts

Vida  
para a morte  
morte  
para a vida

Vida  
por vida

Morrer  
é quase só  
deixar  
de ser  
visto  
como Cristo

Estamos  
como Pilatos  
no Credo  
mas com o Credo  
na boca

Por Cristo  
com Cristo  
em Cristo

Never say  
never again  
disse Eurydice

The world (the word)  
is not  
enough

3  
D. Dinis  
amigo antigo

Mistério do pão  
milagre do pão  
do ensino do pino  
da educação  
das rosas  
das laranjas  
das portas  
dos cunhais

Se uma andorinha  
não faz  
a Primavera  
um pinheiro

não faz

um pinhal

Eu sou uma criada viva

(je suis une bonne vivante)

Eu sou a Maria Papoila

a Mirita Casimiro no Técnico

uma papoila pop (poppy)

Portugal:

país sem mal

4

Sou pirosa

e chique (de peço)

Sou erudita

e popular

Sou cara

e barata

Sou um mata-borrão

sou um penso higiénico

sou um preservativo

sou um guarda-chuva

Sou um verso

sou o universo

Sou portuguesa  
(sou o vermelho  
e o verde)

Sou austríaca

5

Le viol  
le vol  
le vol de l'âme

6

Quem  
tem cu (ânus)  
e cona (vagina)  
tem  
medo

O meu ódio  
é o melhor  
de mim

Puro  
é o nojo

7

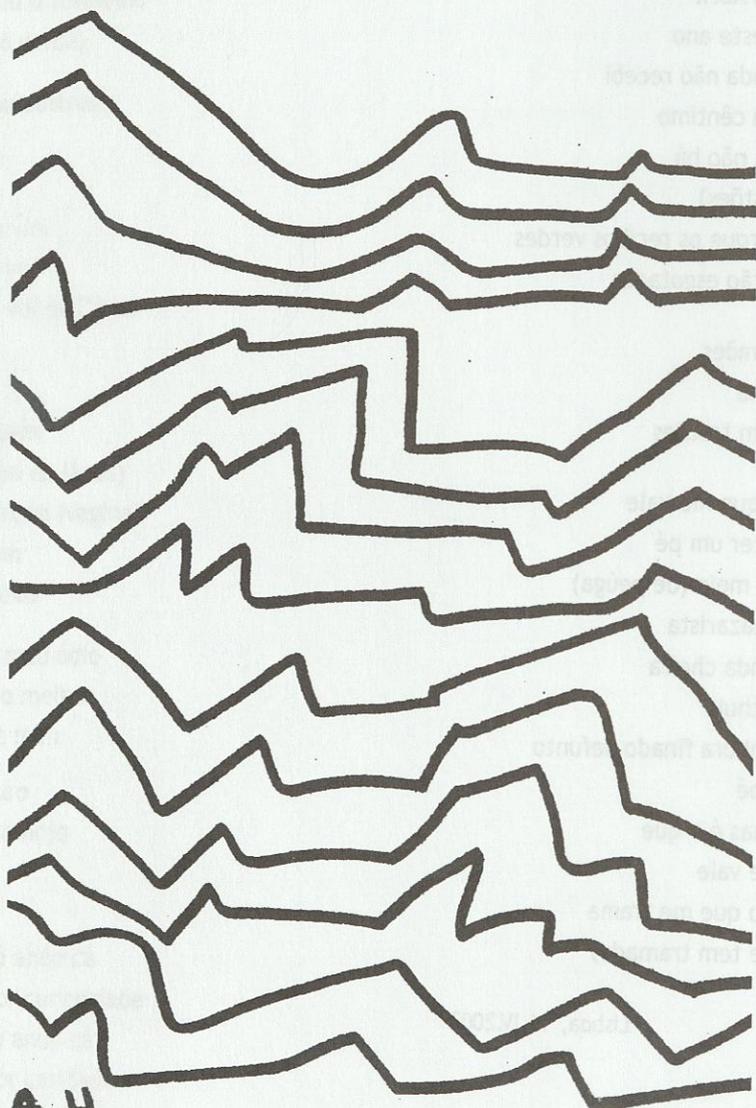
Só ando cá  
por curiosidade  
só ando cá  
por caridade

Já estamos  
em Abril  
e este ano  
ainda não recebi  
um cêntimo  
(já não há  
tostões)  
porque os recibos verdes  
estão esgotados

Camões  
rima  
com tostões

O que me vale  
é ter um pé  
de meia (de peúga)  
salazarista  
ainda cheira  
a chulé  
embora finado defunto  
o pé  
(mas é o que  
me vale  
e o que me trama  
me tem tramado)

Lisboa, 16.IV.2002



A.H.

UMA CANÇÃO BANAL

Cashpoint (1995)

*El corazón latía, atónito y disperso*

ANTÓNIO MACHADO

O coração vazio  
é uma canção:  
passa na televisão  
e entra no meu coração.

Não me abandones!  
diz  
e implora  
Mas quem?  
pergunto  
quem  
está comigo agora?

Meu coração bate  
incerto  
atónito  
e disperso

Ah!  
canta  
canta por mim agora!  
meu coração está vazio  
e por ti chora

UMA CANÇÃO BANAL

El corazón está al ritmo y al compás  
de un vals

O coração está  
à uma canção  
passa na revisão  
e está no meu coração.

Não me surpreenda

diz

e importa

Mas quem?

pergunta

quem

está comigo agora?

Menciona o nome

incerto

atônito

e disperso

Ah!

canta

canta do bem agora  
 meu coração está

e por ti chora :

**Cashpoint (1998)**

1. crédito automóvel
2. crédito pessoal
3. crédito poupança fiscal
4. estamos 24 horas por dia à sua disposição
5. crédito habitação, seguido de crédito multilar
6. crédito multilar, seguido de crédito habitação
7. poupança familiar com super garantia
8. ajude quem mais precisa
9. crédito 1 milhão

## 1. crédito automóvel

o crédito automóvel bate  
todos os recordes.  
assim é fácil comprar carro  
novo. desde 1600\$00 por cada 100  
contos financiados,  
ofereçemo-lhe a prestação mais  
baixa do mercado,

seja qual for  
a entrada e o prazo de pagamento.  
este crédito automóvel é um financiamento  
para aquisição de veículos ligeiros  
novos  
suportado por um ALD,  
e aplica-se a qualquer  
marca ou modelo.

escolha o carro e  
diga-nos quanto quer  
pagar.  
em 24 horas  
terá a resposta  
ao seu pedido  
de financiamento.  
Aproveite já esta oportunidade!

Com o crédito automóvel,  
comprar carro é

simples,  
barato  
e muito cómodo.

## 2. crédito pessoal

realize os seus desejos  
sem entrar em órbita.  
entre noutro universo.  
com o crédito pessoal  
pode fazer tudo  
com que sempre sonhou:  
trocar de carro,  
viajar;  
comprar um computador;  
fazer obras em casa,  
enfim,  
realizar todos os seus desejos.

a resposta é rápida  
e em menos de 48 horas  
poderá ter o seu  
empréstimo na mão.  
não podia ser  
mais simples.  
até pode fazer  
o seu pedido  
através  
da linha directa.

o nosso serviço de crédito  
ajuda-o  
a determinar  
o prazo e  
a mensalidade  
mais adequada  
ao seu caso  
e às suas  
disponibilidades  
se perder o emprego  
ou ficar temporariamente  
incapacitado,  
por doença ou acidente,  
pagamos-lhe na íntegra  
as prestações mensais do seu crédito pessoal  
enquanto estiver nessa situação,  
no máximo até ao final do contrato (com limite  
de 60 meses) em caso de acidente ou doença,  
ou por períodos até 6 meses no caso de desemprego

(pode sucessivamente voltar a recorrer  
passados mais seis meses).

### 3. crédito poupança fiscal

estimado(a) cliente,  
agora,  
terminado o período de férias,  
que nós desejamos tenham sido do seu agrado,  
chegou a altura de pensar

nas suas aplicações financeiras.  
porque a rentabilidade das  
suas poupanças  
é uma questão de saber aproveitar  
oportunidades,  
vimos lembrar-lhe as  
vantagens de um plano atempado da  
sua aplicação em produtos financeiros que  
lhe possibilitam excelentes  
deduções fiscais, este ano ainda maiores.  
produtos como estes integram  
um conjunto de soluções que  
preparámos para satisfazer as suas  
necessidades,  
aliando  
rentabilidade,  
qualidade  
e  
segurança.  
continuamos a colocar à  
sua disposição a linha  
especial de crédito poupança fiscal  
para financiar estas  
ou outras aplicações.  
para esclarecer qualquer dúvida ou obter mais  
informações,  
dirija-se à sua agência  
ou ligue.  
conte connosco  
com os melhores cumprimentos,

4. estamos 24 horas por dia à sua disposição

pode ter acesso directo  
ao seu Banco  
24 horas por dia,  
7 dias por semana,  
365 dias por ano,  
de sua casa,  
escritório  
ou em viagem.  
pelo telefone,  
com a máxima segurança  
que o seu código pessoal  
lhe proporciona,  
pode realizar  
desde a vulgar  
consulta de saldos  
até à mais complexa  
operação bancária.

consultar saldos.  
consultar movimentos.  
requisitar cheques.  
disponível 24 horas por dia.  
atendimento exclusivamente automático  
de 2ª feira a sábado  
das 0 às 8 horas  
e ao Domingo.  
O acesso a este sistema  
de resposta automática

poderá ser condicionado  
pelo tipo de telefone que utilizar.  
Em caso de dificuldade contacte,  
por favor, um dos assistentes.

#### 5. crédito habitação, seguido de crédito multilar

com os nossos serviços,  
encontra todas as opções  
de crédito imobiliário,  
adequadas às suas necessidades.  
Para disfrutar  
ao máximo  
a sua nova casa,  
colocamos ainda à sua disposição  
uma gama de produtos  
que lhe permite, por um lado,  
poupar com vantagens para  
aceder à  
sua nova casa  
ou introduzir benefícios  
na actual e por outro,  
beneficiar  
da melhor protecção  
multiriscos para que  
possa gozar de  
total bem-estar e  
segurança.

O crédito regime geral destina-se a financiar a compra de habitação com prestações constantes e taxas variáveis adaptáveis às suas necessidades.

Com o crédito bonificado, para além de beneficiar de uma prestação de baixo valor, pode amortizar o seu empréstimo no prazo máximo de 30 anos.

A bonificação na taxa é determinada pelo rendimento anual bruto, a dimensão do agregado familiar e ainda em função de um subsídio suportado pelo Estado, o qual reduz os juros do empréstimo entre 10 e 44%.

No crédito bonificado jovem (até 30 anos) pode beneficiar ainda de uma redução de 25% nos emolumentos da escritura de aquisição e de hipotecas, bem como nos emolumentos de registo.

## 6. crédito multilar, seguido de crédito habitação

Agora,  
há uma forma  
fácil  
e muito  
rápida de ter  
a sua casa  
como sempre  
sonhou.  
O crédito multilar  
permite-lhe recheiar  
ou realizar  
obras de  
melhoramento na sua casa para além  
de lhe dar  
acesso ao  
crédito à habitação  
(regime geral ou bonificado)  
para compra da 1ª ou da 2ª  
casa.  
Com prazos  
flexíveis  
e prestações mensais  
à sua medida.  
Vá já  
a qualquer sucursal  
ou então telefone  
e verá  
que não há

crédito mais doce  
para a sua casa.

## 7. poupança familiar com super garantia

o investimento das suas poupanças  
permite-lhe concretizar, sem esforço  
e a médio prazo,  
os sonhos adiados da sua família:  
carro novo,  
viagem desejada,  
casa para os filhos.  
construa um plano  
de poupança com  
entregas desde  
15 contos/mês ou 100 contos/ano.  
de acordo com as suas  
necessidades,  
pode reforçar as suas  
entregas ou constituir  
novos planos  
de poupança—  
poderá movimentar  
o seu investimento com  
total liberdade  
a partir do 1º ano.  
como solução de poupança a prazo e para  
aproveitar os  
óptimos

benefícios

fiscais no resgate,

o prazo mínimo aconselhável é de 8 anos.

A super garantia assume o seu plano de poupança em caso de desemprego, acidente, ou doença...

ou seja quando o seu orçamento familiar for afectado por estes

imprevistos,

mantendo bem

vivo

o seu sonho. invista na protecção da sua família com uma super garantia.

## 8. ajude quem mais precisa

Agora, ao ligar para o Serviço de Atendimento Automático

será oferecido ao

Banco Alimentar

Contra a Fome o correspondente

a 1 impulso telefónico

em bens alimentares.

Para ser solidário

basta um simples gesto.

## 9. crédito 1 milhão

Com o Crédito 1 Milhão você está habilitado à sorte grande. Peça 1000 contos, habilite-se a não pagar nada (se for um dos felizes contemplados no sorteio semanal de 1000 contos) e obtenha uma bonificação de 2,5 %.

O Crédito 1 Milhão é a melhor solução para quem quer trocar de carro, viajar, comprar um computador, fazer obras

Três fragmentos do  
Livro das Quedas

Escrevo pássaros e nada sei  
do corpo deles nem das suas  
inclinações – nada sei do amor  
tão pleno de falsificações. Se canto,  
se escrevo assim às escuras na noite  
do meu lençol  
é porque não sei incorporar  
os ruídos, as veredas da casa  
nem olhar para o lado  
e ver por dentro  
o rosto da amada, o sono  
da filha – os ritmos da morte  
que dão e só eles dão  
sabor  
à passagem do tempo.

Como é triste a carne quando se percorreram  
todos os caminhos, quando se leram  
todos os poemas\_\_\_\_\_tenho os olhos queimados  
e não os li nem percorri mas,  
pobre de mim, é como se o tivesse  
feito. Pois a carne vai triste  
e cai. Se morrer é isto, esta maneira  
de pouco a pouco ir caindo no ar,  
não tenho medo, é triste mas não tenho medo nem  
dor nem nada que me possa  
perturbar. Escrevo  
um livro vazio  
e já não sei se lá fora existe  
outro lugar. Os olhos da minha amiga  
vão comigo de regresso à fonte  
que não cessa de cantar.

Petrarca

The New Babel

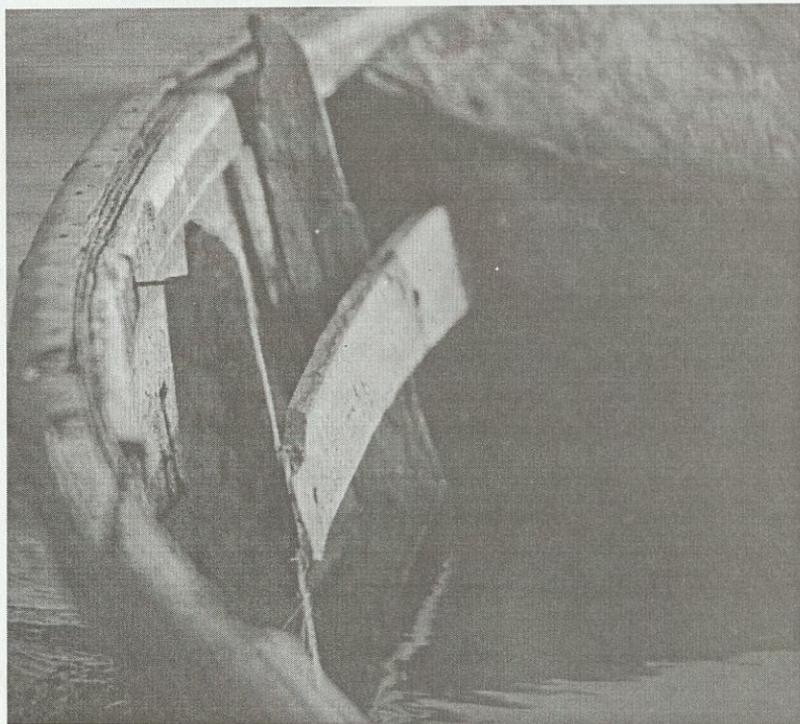
Apodreço devagar e o meu lixo  
em húmus resvalando  
alimenta silencioso os animais  
da terra, o basalto, as framboesas, os  
lagartos que se elevam para o sol até caírem  
eles também de corpo  
em corpo como eu venho caindo  
nas nuvens do chão.

long before life ever began

\* A versão 0 (zero) deste longo poema pertence à edição de 1977, publicada em  
"The New Babel", Y. - poema composto por 100 versos, 100 linhas, 100 palavras  
e 100 sílabas, n.º 0, desta série.

## A. MANÁGUIA

---



## The New Babel

1\*

"... it is precisely in the heat of the war that those deep social convulsions take place that destroy old institutions and remold man, that, in other words, the seeds of peace germinate in the devastation's of war. Man's intense longing for peace is never so strong as it is at a time of war. Hence, in no other social circumstance are there so many strong impulses intent on changing the conditions that produce war. Man learned to construct dams when he suffered from floods. Peace can be hammered out only at a time of war, then and only then." – Wilhelm Reich, *The Mass Psychology of Fascism*

How many waves has the moon generated in the Persian Gulf since 1991?

How many waves have the moon and the Atlantic collaborated on since 1491-and-a-half?

What was the total number of breakers to have risen from the earth's seas before life ever began?

---

\* A secção 0 (zero) deste longo poema escrito a partir dos acontecimentos do 11 de Setembro em N. Y. – poema composto por oito secções (de 0 a 7) – foi publicada na Revista *Oficina de Poesia*, n.º 0, desta série.

Can one figure the number of waves the Pacific has wept since Nagasaki and Hiroshima?

They hang flags the way horses wear blinders; they hang flags in great abundance. They want wars, without realizing it.

They signal war, some realizing it and some without realizing it; they wave flags the way matadors wave red.

Each suffering silently in the silence of his, her, or its own bed; two faucets dripping out of sync; three sinks, four sinks, five sinks, each with a dripping faucet; all the seas whipped and tossed by colossal winds.

The Tower of Babel: landlocked, an abandoned worksite farmers come to quarry.

The Tower of Babel: in the text it's preceded by a Flood.

Inside a New Mexican waterfall comes more than water, more than gravity, less than anything this moment's coarsening could ever put in words.

It's natural for water to fall. It's natural for water to fall from cliffs and it's natural for towers to melt when exposed to overwhelming heat. This applies equally to shacks. October 7<sup>th</sup>, 2001.

Mud huts have their own way of falling, of being destructively transformed. October 8<sup>th</sup>, 2001.

The death of peace happened long ago but went unmarked by any stone or number.

The wars come in waves.

Collateral damage is a literary term but the text's main force falls on the text's opponent.

Poetry: death without peace.

August 6<sup>th</sup>, 1945: unending death.

Dying each death. Refusing to kill. October 11<sup>th</sup>, 2001.

October 12<sup>th</sup>, 2001: No, those are my tax dollars.

As even grief gives way to its own self-indulgence. Bush's address to the Nation, September 20<sup>th</sup>, 2001.

The Nation wallows in its own grief, the Nation's mistakes are glorified, lauded, transformed into heroic moments, sacrificial acts: acts that would have been unnecessary if earlier mistakes had been avoided higher up, among the elites; and indeed it may be said those who died sacrificed themselves for the oil elites' sins. Fall, 2001.

Neither innocent, nor deserving of the force of those flames: no one deserves the force of those flames, no one is innocent.

Grief. Just grief. Unadorned by heroic gesture, deprived of that heroic consolation the bereaved are presumed to need. But do the bereaved really need to see their dead as heroic? Or do the bereaved need to see their dead loved as those cheated of their lives by a gratuitous dialectic of disproportionate extremes?

Some other kind of gesture: some other kind of mission: some other kind of interior life.

Not the fireman who brought his siren to the Times Square Peace Rally, drowning each speech, each speaker, in the blare of his profession: but the firemen and women digging in the mass grave they were the first to declare a sacred ground.

Inside a New Mexican waterfall comes more than water, more than gravity, more than fatal plunge, something subtly less than a monotheist could ever put in words.

The number of waves the Pacific has wept since Nagasaki and Hiroshima continually multiplies.

It's natural for water to fall. It's natural to imagine the end of the world. In imagining the end of the world we protect our way of life.

In those days in which answers are offered as self-evident, hammer out a new tower of Babel: not confusion but words as the impulse to transmute the silence of dumb agreement, no longer numb before a single divine authority or empire.

Let a new tower of Babel touch the sky. Let a new tower of Babel bend responsively to the moon. Ishtar, Inshallah, Quetzlcoatl. Babble babble babble.

### O sol numa gota de chuva

Um farrapito de sol, coisa pouca, sacudiu as penas do pássaro da chuva e ficou preso numa gota de água. Mais pequena que berlinde, mais firme que bola de sabão, mais luzente que candeia.

O sol numa gota de chuva.

O mundo dentro de uma pequena esfera translúcida, um bocadinho de nada que se pode encher como um ovo. Porque lá dentro se pode por tudo: as cores, os sons, o calor que dissolve a frieza do negrume, um passo de dança, quem sabe, um sonho.

A menina sonha na soleira da porta. E adivinha já o zumbido das abelhas, o cheiro a lenha de azinheira, ainda com bolotas verdes, a diferença do som do martelo do ferreiro, porque o ar tem sons próprios conforme as estações. A menina fareja um prenúncio de Primavera.

Chamam-na de casa mas ela nem ouve. Ou finge que não ouve.

Há dias em que as casas têm cheiros húmidos, cores de chuva, sons de sino triste como piar de coruja. Nesses dias, as casas têm uma respiração asmática. Acontece assim ao fim de um longo Inverno. A casa esqueceu-se de como era a respiração do sol.

Por isso prefere fingir que não ouve. Porque na casa ainda bate o relógio de Inverno. Na soleira da porta pode continuar bebendo a água pura que o último raio de sol decanta na gota de chuva.

As casas. São como as pessoas. Dir-se-ia que são apenas animais petrificados e cobertos de cal, deitados nas ruas quietas, como que adormecidos. Mas não. As casas têm olhos semicerrados como os gatos ao borralho e estão cheias de uma vida contida, pronta a saltar.

Esta casa estende-se como um grande gato preguiçoso, a cabeça e as orelhas viradas para a rua, as patas estiradas pelo quintal, o rabo torneando o galinheiro, o palheiro, a cavalaria, os alpendres onde se guardam alfaias, carros de mulas, as arrecadações que nunca se sabe muito bem que préstimo têm.

Entra-se por um corredor comprido, com muitas portas que dão para quartos sem janela. Até aqui tudo é simples. Mas depois há um quarto que dá para outro quarto onde quase nunca se entra, e depois para outro, e mais outro, e mais outro. Como se a casa se desdobrasse indefinidamente e em cada dobra houvesse um tempo diferente. Nos dias de Verão, os quartos têm uma cor amarela, do sol que entra pela telha de vidro.

Neste quarto se guardam cestas, sacos de batatas, de trigo, réstias de cebola. E no outro há arcas enormes – quem sabe o que terão lá dentro? – baús com o couro do tampo estalado, um cadeira com o fundo de bunho esgarçado pelas unhas dos gatos. E depois há outro quarto ainda mais escuro, com uma mesa velha, com candeeiros de latão em cima, dentro da gaveta há toalhas amarelecidas com voltas de renda. Dizem que é para quando há mortes na família. Nestas casas, os mortos estão sempre presentes, continuam a fazer parte da família por anos e anos, e, à medida

que o tempo passa, são memórias tranquilas que habitam da casa, memórias benfazejas, às vezes.

Há dias em que as crianças deambulam pelos quartos proibidos, em bicos de pés ou em corridas furtivas, com um formigueiro de curiosidade e até de medo. O olhar prende-se nos recantos, salta de uma coisa para outra e é de súbito apanhado por um espelho baço que já perdeu a memória de si. Aos cantos, perto da moldura, o espelho está estalado, mosqueado de pontos negros que seguem até quase ao centro, onde está o que resta da memória. A imagem fosca mais parece um retrato gasto pelo tempo, de uma outra criança, uma avó, uma tia, quem sabe. Nesta casa os espelhos consomem-se devagar e abrem janelas para um outro tempo, que já foi. Como os retratos.

Por vezes uma tia, uma avó, abre as arcas, as gavetas fechadas. Aqui se guardam retalhos de tecido, linha de meia, uma renda por acabar que ficou amarela do tempo. Quando as crianças insistem, abrem o baú velho e desdobram maravilhas. Um vestido de noiva, um ramo de flores secas, uma blusa cor de salmão com rendas que quase se desfazem com o olhar, restos de uma barra de vestido de criança com cãezinhos bordados a ponto cruz, um vestido de crepe azul com flores. Um cordão de ouro, um velho relógio de bolso de um avô que morreu há muito tempo. Que preciosidades! Será que dantes éramos ricos?

No fundo da arca há um vestido de tafetá de cor magenta, já bastante delido. Tem um corpete lavrado e botões pequeninos de madrepérola, com um brilho translúcido quando lhe dá a luz de través. Está cheio de vincos, o vestido, quando se lhe pega e se ergue contra a luz podemos ver os burachinhos por onde a agulha passou, onde já se apresenta um pouco esgarçado. É um vestido pequeno, não de criança, mas de rapariga de esta-

tura meã. As mangas tufadas terminam num punho pequeno que havia de apertar, um pouco abaixo do cotovelo, com o tal botãozinho de madrepérola. O decote é junto ao pescoço, sem enfeites, que não lhe fazem falta, porque este vestido havia de vestir-se em dias de festa, levando por cima um cordão de ouro de três voltas. Sabemos disso porque ao lado está um retrato que retrata a dona, moça de cabelo basto e um pouco frisado, sobranceiras espessas e longas, que desenhavam um amplo espaço para os olhos escuros e fundos, concentrados num ponto em frente, que é por certo a objectiva que o homem com a cabeça dentro de um sacco haveria de manobrar. Os lábios fechados não esboçam um sorriso, o que não quer dizer que a dona não fosse amiga de sorrir, mas que era grande a concentração exigida pela pose.

Se rebuscarmos mais um pouco na arca, ainda encontramos os sapatos marron, de salto e bico, com presilha e botão. Embrulhado num quadrado de papel vegetal, há um sobrescrito que tem dentro uma carta de amor. Há ainda um tampo de almofada bordado a rechilieu, o tempo amareleceu-o e pôs-lhe pequenas manchas cor de ferrugem, ferrugem verdadeira que está no sítio da agulha pregada ainda pela mão da moça do retrato. Porque ninguém tira uma agulha pregada por mão de rapariga a quem a morte não permitiu que acabasse o seu bordado.

Mas quando se abre a caixa dos retratos, não se sai dali o resto da tarde. Quem é esta senhora gorda que parece que engoliu um espeto, com mangas rechonchudas e saias de repolho? E esta rapariga de cabelo ondedado e blusa branca com fitinhas de veludo? Porque é que os homens ficam sempre encostados por detrás das cadeiras? E as crianças ficam sempre sentadas, ao lado de uma coluna com um ramo de flores? Às vezes aparece um bebé, sentado numa cadeira que nos olha com um ar admirado e um pouco aflito. Por detrás improvisaram um cenário com um cobertor às flores, e

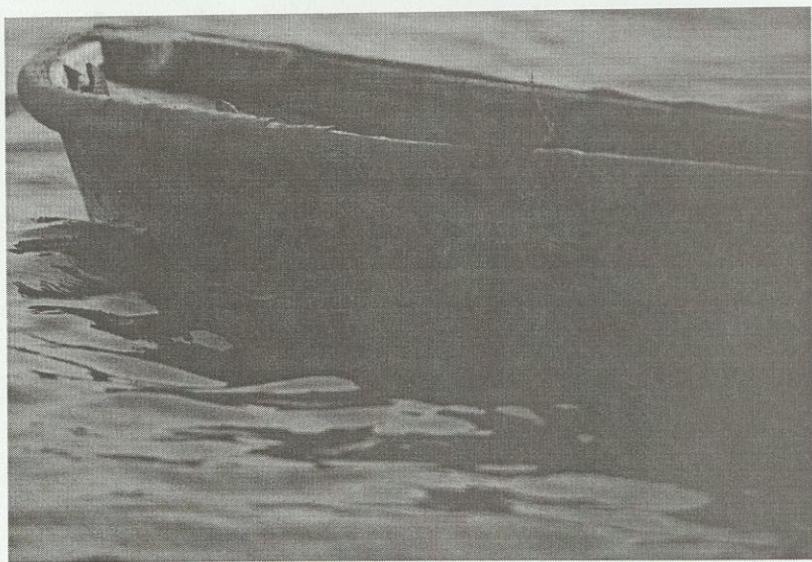
ainda se consegue ver a cabeça da mãe, meio escondida, talvez a segurar a criança, ou a tentar caçar-lhe um sorriso. Alguns retratos estão amarelados e enrolados como folhas de Outono. O tempo comeu-lhes as cores, tudo ficou num tom sépia e os rostos delírios mal se distinguem do fundo. Mas não faz mal. As crianças viajam sem bilhete num comboio que percorre as dobras do tempo, devagar. Esta casa é um mundo com surpresas em cada canto e nestes dias apetece estar em casa. Descobrir e inventar outros mundos. O vestido azul pertenceu a uma princesa, a noiva que usou aquele vestido ia de certo numa carruagem dourada, a menina da blusa com fitilhos de veludo foi actriz de cinema. E as crianças são herdeiras de um velho reino perdido mas que hão-de resgatar um dia – quem sabe? Então a casa ronrona baixinho, como um gato feliz, e guarda-lhes o sono como uma mãe redonda e grande.

Há dias em que a casa parece um pássaro que sacudiu as penas e respira no grande ar, ousadamente. O sol entra a rodos, e aquela poalha dourada e quente, que trazem os dias de Abril, sacode-se vistosa. O cheiro doce das rosas e dos goivos traz-nos uma inquietação feliz. E tiram-se as toalhas brancas com cheiro a ferro de engomar, mata-se um borrego, fazem-se suspiros em papel frisado. O vento não bole nas oliveiras e às vezes até se canta no alpendre.

Mas hoje é melhor ficar na soleira da porta até que o frio da tardinha faça deslizar a gota de chuva lentamente pela folha abaixo. Finalmente, cai na lama e morre, isto é, mais uma gota de água igual a tantas outras, com destino incerto. Então a menina já pode voltar para casa e contar que viu o mundo numa gota de chuva, ouviu o zumbido das abelhas, o som do cuco, sentiu o cheiro da magarça.

À noite, a chuva canta no telhado e a casa é uma grande ovelha de olhos mansos, deitada na erva molhada.

## A. MANÁGUIA



(:) 26

he poised to piss: stick it in that chaps eye: go on dont be shy: you think  
 you might join the baptist church?: the musics way better than the belvoir  
 street methodists: better than the holy cross choir: dominicans dont you  
 know: if you join i join: im on my knees to the preacher with the best voice:  
 mayonnaise on his plums he could have sworn was custard: poor little fellow  
 had to go ta tas after: make a mistake of that magnitude and who wouldnt?:  
 you cocaint mix it up nowhere: especially in sin sin alley: kinsellas salt:  
 keep it coherent: i will understand: i will not be spun about by noone: he  
 do not like fairs: what the boy wants and what the boy wants is a un deux  
 trios: under toit: undertaker to take him down: a good roof over his head:  
 new tiles bright and bricky: the brighton bricky?: best off out of it if you  
 ask me: dont give me all this going nowhere: real people want the bbc:  
 that and the baby jesus and into bed by ten: or the police come knocking  
 on your door: perturbador repugnante que tu és: vai para a tua terra

## FEATURE LENGTH POEM

a man walks into a cinema.

he sits down next to himself  
and asks himself for a light.

he lights his cigarette himself.

he's come to see a film about himself  
in which he has a bit part.

## JYVÄSKYLÄN TANGO

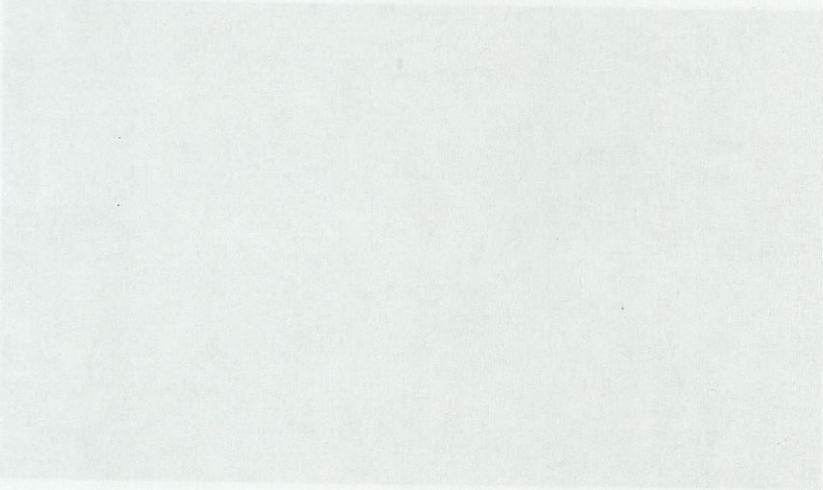
A very boring affair thank you  
Lying in bed  
Quite intensive cross  
How suitable  
What we're doing in  
Basically we think  
If you feel ignorant  
People like myself  
Become a wearer of lines  
I can't wait to get back to Bergen  
Modern languages in grass  
To accommodate a basic and general  
Skills on the part of  
A fat and angry man thought  
For no money on a  
The excessant countries  
The word "key"  
The people out there need house training  
My final comment  
Still striving for  
As one might think some of this  
Hard work to be done both in eastern and  
Railing ruling bastion  
Potsdam participate  
A European master  
Aphasia things like that  
Autonomous high on a too small  
Excellent preparation for a  
Why do we want to represent

The representation of language in the brain  
With sound and everything  
Is impaired language  
Discussing "were" we were  
Speech therapists and  
Some one knows little about  
Join in and roll  
Socrates made a fortune  
Must have never thought before  
The 6 foot 6 Amazon  
Been going on now is the moment  
Could obviously raise and take up  
Is it wise  
Something is going on there  
Kill is at least one of the answers  
I see a certain danger  
I can see a future see a future  
So in other words it was you see  
Could you perhaps pass me  
I'm rather hesitant to speak  
Now America and Asia  
Yakking for his grand  
Funk you very much  
In past colonial societies  
Sidney in the clinic  
Could have some certainly  
More length than I intended  
Is your balance slightly right  
Bit the nail on the head  
Very much to the heart of us

Apparently very little waffling  
A very boring affair thank you  
Lying in bed  
More flowers coming

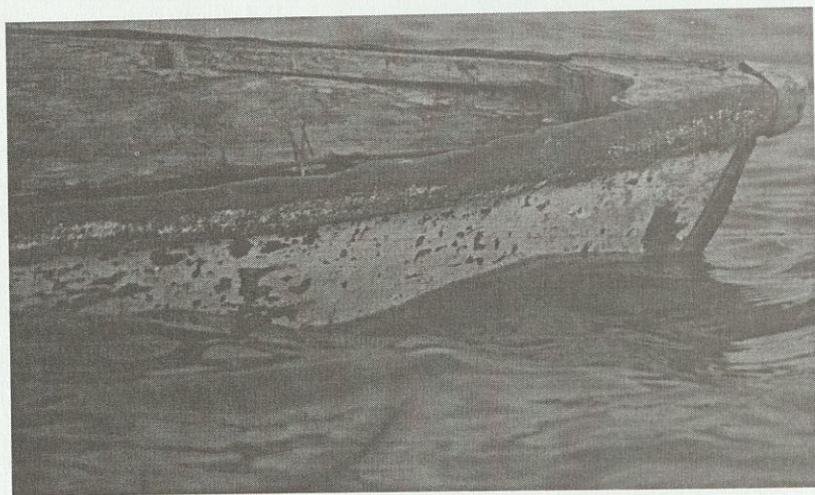
Eu sei que a manhã estremece

Eu sei que a manhã estremece com os teus ribos  
e com eles os meus cósgulos.  
É nesta colisão de aprendiz



Agora que descendo  
o mundo das palavras-lábareda  
e do labirinto  
perdo dos meus fantasmas,  
composto a inevitável perda  
da métrica do teu corpo.

## A. MANÁGUIA



Eu sei que a manhã estremece

Eu sei que a manhã estremece com os teus olhos  
e com eles os meus coágulos.  
É nesta colisão de aprendiz  
em que me canso dos dias  
que a presença fugaz do teu rosto se cumpre.

É certo que ainda retenho  
uma estrela do teu cabelo,  
uma breve e (ainda) inatendida poeira crepuscular.

Tropeço nesta amálgama de recados  
por trazer  
na insuspeita veleidade  
com que os vocábulos engendram os seus algozes.

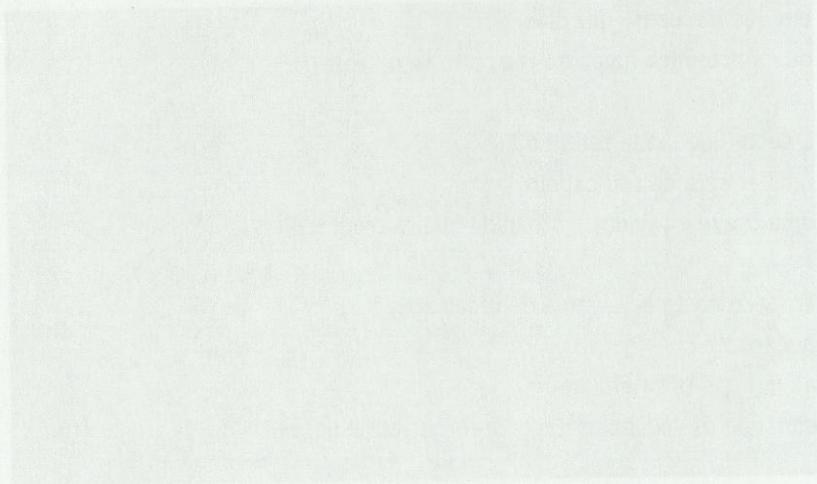
Agora que descendo  
ao mundo das palavras-labareda  
e do labirinto  
pálido dos meus fantasmas,  
componho a inevitável perda  
da métrica do teu corpo.

## ANA CRISTINA PEREIRA

---

pc

complexo de cores eléctricas  
vasos vermelhos, fluxo vital



pc

Complexo  
de  
cores eléctricas  
vasos vermelhos,

f  
l  
u  
x  
o  
  
v  
i  
t  
a  
l

Interpretação gráfica de Pedro Ferreira



*noites* prego

Acordo com o olhar cansado  
e regresso à silhueta dos desencantos  
máscara que esconde  
o rio do amor num leito de palavras.

As emoções são paisagens derramadas  
na pele sulcada de esperança  
onde florescem medos e ousadias  
onde a água incita à viagem.

Quando digo *agora* percorro  
pontos de luz na densa claridade  
que espanta os amantes  
e a noite de todas as imperfeições.

notas

Acordo com o olhar cansado  
e regresso à silhueta dos desenhos



## Desemprego

Tal como Rimbaud, as vozes instrutivas exiladas, a abominação a todos os modos de vida, a inabilidade na luta

Tal como La Boétie, perfilho o "Discurso Sobre a Servidão Voluntária"

Tal como o meu irmão, degrado-me na usura e sou dispensável

Tal como Belmiro, queixo-me da conjuntura e sou perverso

Agora acordo preguiçoso, sem hora nem ponto, conhecendo as mutilações que nos aguardam, implacáveis

Tal como Ginsberg, fico sentado dias a fio a olhar as rosas na retrete

Colecciono máscaras e escrevo frase sobre frase pelo cano abaixo

# Blues da Carris

in significantes

usei de toda a psicologia e

Portugal x

p'ra relativizar a política

a vida é uma festa! l escravos de

o que sentia t arrendamento

leva náuse d humanizar

orgasmo ao contemplar a

mesquinho para onde estamos a ir?

um dia a diadói-me a alma! dói

Zero enérgico na lama

que tem que devagar a mania

resolve estilo graça Paga!

se esvaziaestranho

(a neurose escreve-te coisas lindas no rosto) sério

e para me animar s jogo

come nicho uficiente

o que fazia?tempo para

Lamento familiar programação

m era procurar foi ti

maturidade a brincar

s faz companhia pendentess

i para onde? elucubração

c ou então a caminhar em trânsito

a nada s

l escrevia ó

tens \$\$\$\$\$ r di

destroço e estes blues dos

teatro mo caminhar caminhar

cional da carris

## *Inter-rail*

Subi ao comboio em Coimbra B, cheio de americanos que se embebedavam porcamente com vinho comprado na Pampilhosa do Botão/ Cheap Hotels dans le Chatéau d'Eau, allons y, a vista nocturna do Sacré Coeur, boulevards com teatros, cinemas, salas de espectáculo, as livrarias e os alfarrabistas do Quartier Latin/ Fruta fresca, bolinhos, carnes, frangos assados para o pequeno almoço, que qualidade de vida que tédio, então aqui não há shake?/ passeios a laranja para as bicicletas/ todas curiosas por penetrar no bas fond de Amesterdão, a cidade liberal, nos fuck shows e coffee shops a ouvir hip hop, apreciámos judiciosamente as fêmeas, "do you want to fuck?", expostas e fizemos comentários boçais sobre as mesmas, "not right now, thank you"/ de trabi cruzando o ocidente com oriente, em Buda o tempo parece suspenso e a velha cigana às escondidas do polícia quer-me vender uma toalha vermelha toda bordada à mão/ a graça de Maria na insustentável leveza do ser, da ponte de São Carlos ao castelo todos são místicos, uma catedral que sobe aos céus, a casa do kafka, gelados gloriosamente baratos/ Camelot gravado na fachada rugosa, cores quentes nas salas mulheres rústico-sofisticadas, a beber chá e jogar xadrez na esplanada junto aos canteiros floridos, anoitecemos a ver os artistas de rua na praça central e o gang de cowboys de Cracóvia/ debruçado à janela de um comboio apinhado de gente, o vento forte embatendo no rosto longe de casa a gozar os trilhos desconhecidos cruzando rapidamente pequenas cidades polacas de que nunca chegarei a saber o nome longe de casa/ Chegamos a um amplo espaço verde com um feérico parque de diversões, tudo monumental na capital do grande Império/ começar a perceber como é Florença numa manhã tórrida de Agosto, instituída a Vespa, as soleiras verdes a mulher deslumbre e o japonês de máquina em punho, à noite os jovens sentam-se nas escadas da Basílica sumptuosa por fora despojada por

dentro e ficam ali a tocar guitarra conversar e a ver os caricaturistas ganhar a vida e na Praça o número do faquir com cara de artaud Pink Floyd aos altos berros, museus de Belas Artes ao ar livre, da Ponte Vecchia para os gloriosos jardins do Palácio, onde uma pessoa se pode perder, café numa esplanada selvagem junto ao rio a tarde toda nos prodigiosos becos e ruas desembocando em largos com Igrejas ou academias/ ao nosso lado uma barbie italiana sempre com um sorriso nos lábios o meu amigo embevecido com a graça da donzela, toda ela delicadezas e maneirismos/ intrincados no labirinto veneziano até chegar à famosa Rialto, a chuva dá um ar mais denso e matizado a todo aquele cenário surreal carcomido pela humidade e pelo tempo, arcadas seculares de São Marcos debaixo das quais tocam bandas privativas dos cafés luxuosos, fotografo os reflexos nocturnos dos canais alguns edifícios magníficos à meia luz fantasmagóricos com as cortinas esvoaçantes e as gôndolas ainda mais líricas, ficámos sentados na escadaria de uma Igreja a ver o movimento dos barcos no Grande Canal as noivas de véu e grinalda e os noivos de fraque com as casas dos antigos príncipes em fundo, no promontório onde Veneza "acaba" a desfrutar do Sol com o som do marulhar e a água a beijar-nos as solas recostados num pelourinho num largo improvável fingimo-nos artistas pedintes seriam umas quatro e meia e ali permanecemos uma meia hora exausta a falar o mínimo, 10 cidades corridas a pé, agora vou ter de regressar espera-me a redacção e o conselho de disciplina se não me puser lá rapidamente eles seguem para Berlim despedimo-nos na estação "Até Coimbra!".

O espaço mole e concavo no colchão  
O branco amarelo dos lençóis na cama abarba  
A cabeça entre as mãos  
Quando se acordou  
E se passa a cara por  
Com gestos monótonos  
O espaço mole e concavo  
O branco amarelo do  
Enquanto se penteia  
A indicar a ausência  
Sempre lá  
A falta de uma peça  
O desconforto do fio  
O espaço mole e concavo

Putos com bola  
Há ali uma escola  
Com sala de convívio  
E conselho directivo

## A. MANÁGUIA



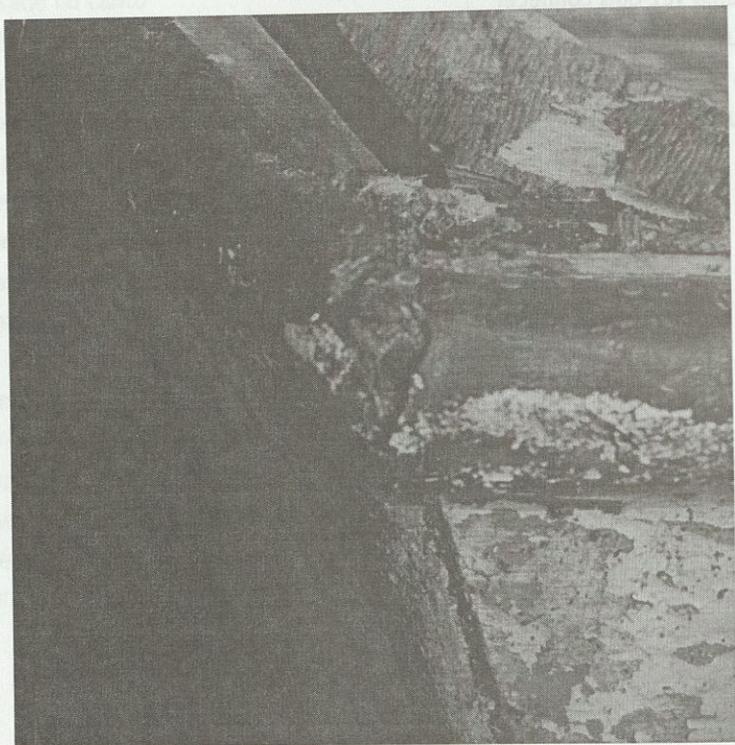
O espaço mole e côncavo no colchão  
O branco amarelo dos lençóis na cama aberta  
A cabeça entre as mãos como no final dos filmes  
Quando se acorda com uma sensação repetida  
E se passa a cara por cremes hidratantes  
Com gestos monótonos de higiene felina  
O espaço mole e côncavo no colchão  
O branco amarelo dos lençóis na cama aberta  
Enquanto se penteiam os cabelos ralos de uma careca adiada  
A indicar a ausência de um cromo na caderneta  
Sempre lá  
A falta de uma peça no puzzle  
O desconforto do fio de nylon das etiquetas no pescoço  
O espaço mole e côncavo no colchão.

De mãos na cabeça  
De cotovelos nos joelhos  
Sentado no canto  
Onde as paredes se encontram  
De cabeça nos joelhos  
Entre os cotovelos  
De pés escorregadios  
Que aos poucos esticam as pernas  
E deixam cair o corpo  
Sobre o chão  
Sentado  
De mãos na cabeça  
Curvado  
No canto  
Onde as paredes se encontram  
E se hão-se encontrar para sempre  
Até que por fim  
Caíam.

## Comprei um Livro do Capitão Jacques Cousteau

Não conheço quem me queira  
Conhecer a fundo.  
Eu uma vez quis conhecer  
O fundo do mar  
Mas disseram-me que era muito longe  
E eu desisti.

## A. MANÁGUIA



Depois, vidros pontiagudos no solo.  
Um pouco de amarelo fará brilhar o que resta da luz opaca. "Não, não  
conheço o arguido nem ninguém relacionado com ele."

A arte procura uma casa para viver. "No máximo, dá para fazer um  
vitral."

para fresta encravada (entre)  
as margens  
da corpa invadido  
transbordando um ser raso  
envagado de vidros  
com dobras de serenos

... a semente pródigo  
e deu muitas frutas.

a luz magoa —  
faca ras — gan — de  
a terra e rosta carne  
de seus rompem  
o silêncio das águas  
e odor  
recusado de direitos  
na — pois — si — blif — li — ca  
a descoberta no espaço da ser

Há espelhos quebrados por todo o lado.

Debalde procurei com a insistência insidiosa

Os vestígios da imagem perfeita.

A língua inteira NÃO diz o mundo frac-ci-o-na-d-o ao segundo.

Às vezes, os sons, as cores, as formas e o volume das coisas é que  
deviam ser

Em vez de.

**Vitae**

... das fontes da vida

o líquido

es

cor

re

pela fresta escavada (entre)

as margens

do corpo invadido

transborda um ser roxo

enrugado de vidas

com dobras de sonhos

*... a semente brotou*

*e deu muitos frutos.*

a luz magoa –

faça ras—gan—do

a tenra e rósea carne

os sons rompem

o ( ) silêncio das águas

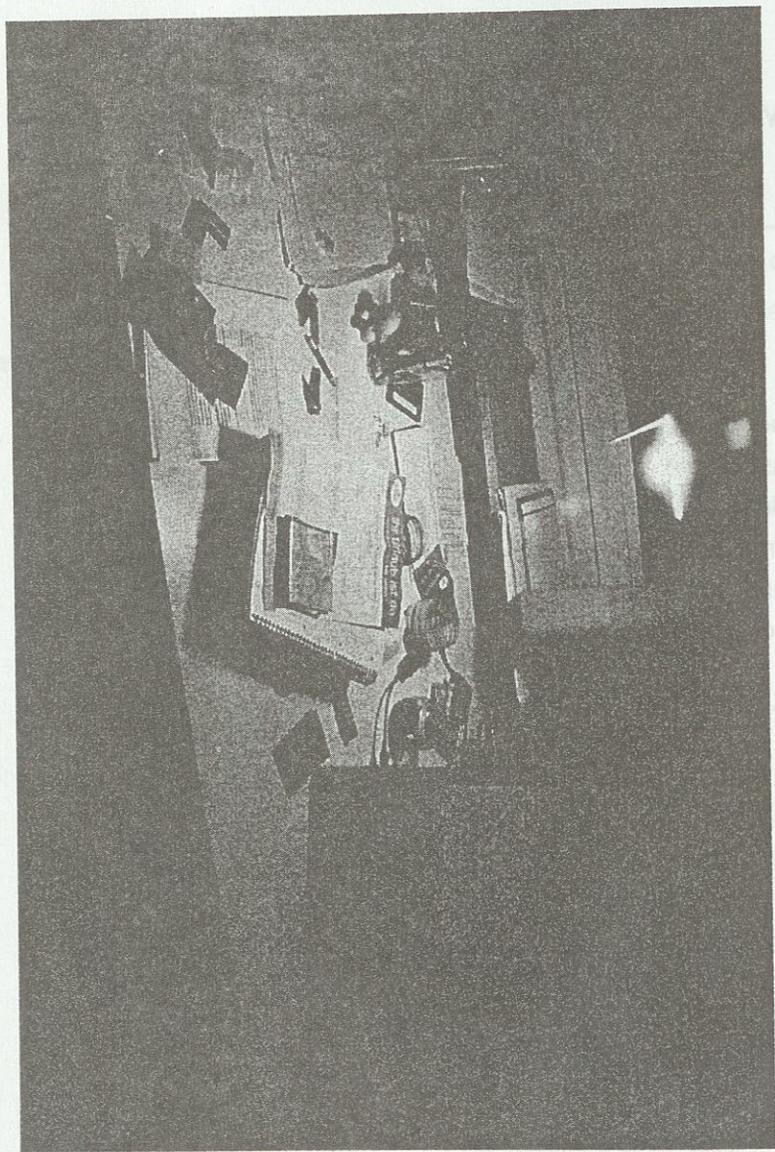
o odor

recheado de cheiros

im / pos / si / bi / li / ta

a descoberta de espaço do ser.

NUNO CARRILHO



Há uma morada esquecida  
em que nos refugiamos

tesouro em forma de rosto

Não eu,  
fantasmas quotidianos  
que se escondem

Descobrimos na sede de viver  
a arte

paralelo entre o medo e o desejo

Sete raios presenças

Vivemos em percursos  
— constantes deambulações —  
onde nos perdemos e encontramos

Desejamos partir  
na simultaneidade das memórias e esperanças

Fascínio...  
casulo em que nos escondemos  
desertos em que cuidamos da nossa loucura

Silêncios...  
pedidos... tentativas ofegantes na respiração duma incerteza

superstições  
impossibilidades

retrato da solidão

Bebedeiras de sal  
transformadas numa ausência

«Incansável é o sossego quando se foge do medo.»

Pressenti reflectida  
na noite prenhede de lua  
no vazio da vida  
a memória.  
Não eu.

Sorvi  
em raios do Sol  
tributos  
à noite fêmea,  
senhora de seu irmão  
O Deus escravo.

Incestuosos  
Sete raios  
Fecundaram  
Em eclipse  
A noite mãe

Podei-me  
Em ritual de glória

Nascido o filho  
Da noite  
Em pura escuridão  
Restou em mim  
A ilusão de ser  
Não eu.

**A linha estruturante arrastando-se no sentido ilusório esv**

A linha estruturante arrastando-se no sentido ilusório esvaz

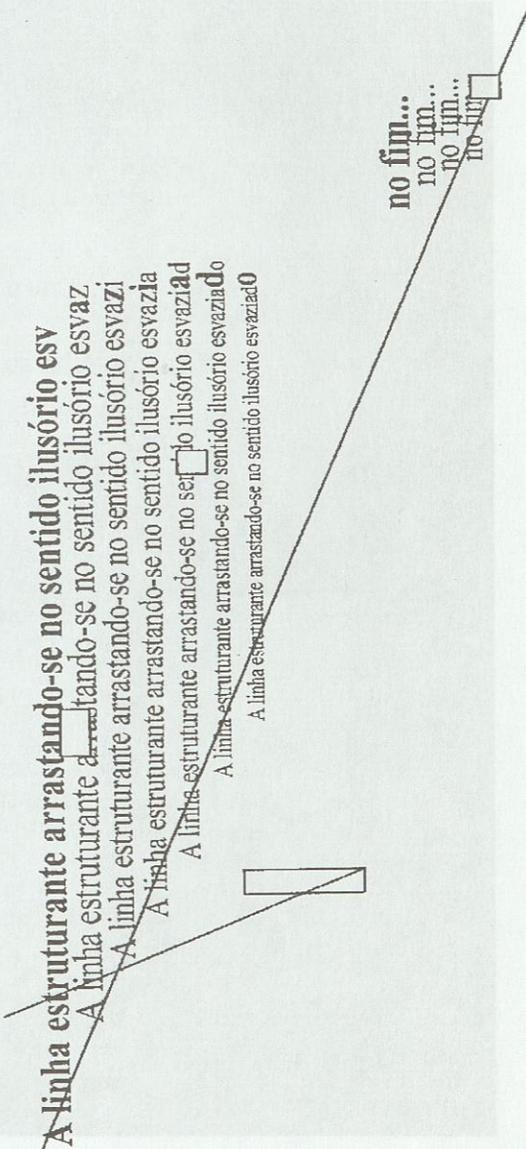
A linha estruturante arrastando-se no sentido ilusório esvazi

A linha estruturante arrastando-se no sentido ilusório esvazia

A linha estruturante arrastando-se no sentido ilusório esvaziad

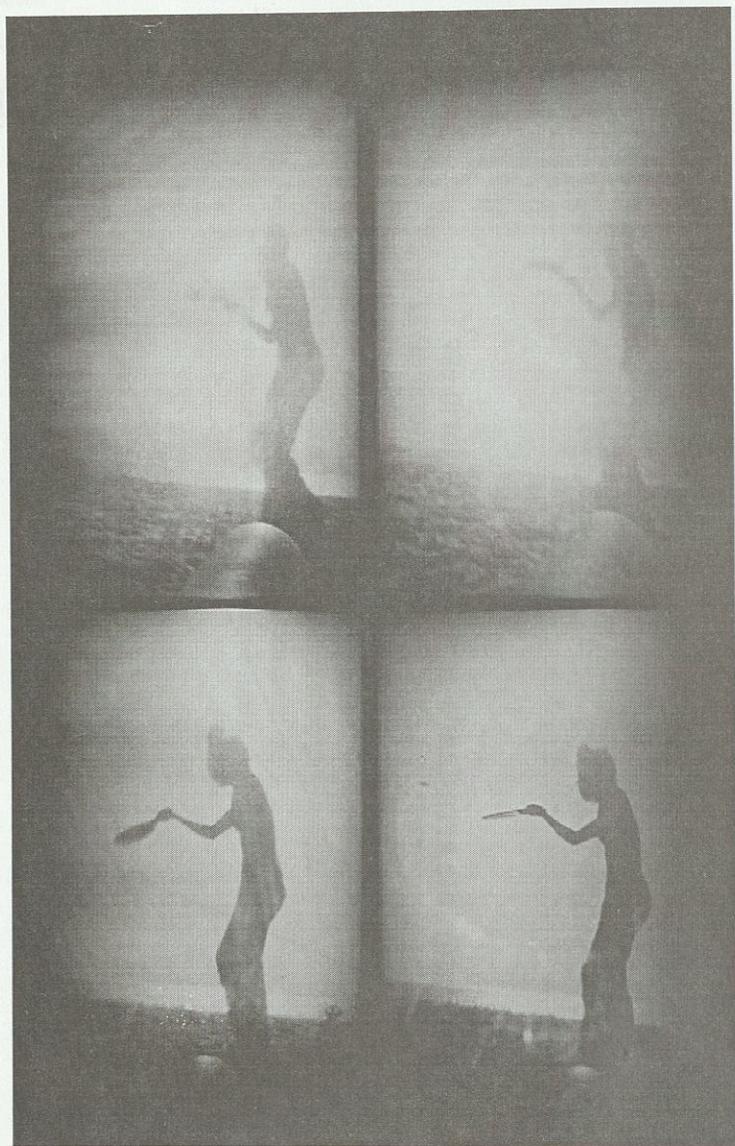
A linha estruturante arrastando-se no sentido ilusório esvaziado

A linha estruturante arrastando-se no sentido ilusório esvaziado



NUNO CARRILHO

---



corrupção

rua rima com lua na noite suspiro aflito.  
sobrevivência. corre  
estática matéria de cinza e luz.

visitam-na o medo o frio da casa o vazio.  
valores penhorados de sorte e castigo.

pagam?  
concurso sem prazo, condições variáveis.

oscilam  
lucro desprezo vontade

amélias mães procuram  
liberdade rumo vaidade  
de saia curta e lábios de sangue.  
tristeza.

guerreiras chegam dando de si  
o que têm, o que pediram emprestado ao pretérito imperfeito.

a solidão suaviza-se cura  
entrega rotineira disponibilidade.  
gelo.

mulheres esposas  
fêmeas da rua berço de filhos malcriados.

crescer com a violência o ego a competência  
sem justificações sociopsicológicas. ou não.

o grito será de tarde  
por um lugar na bancada de trás.

No silêncio da noite oiço,  
 Pensamentos perdidos no ruído do dia,  
 Perdido no abismo do tempo,  
 Tiquetaqueando no meu pulso,  
 Escuridão de monotonia,  
 Dias seguindo dias,  
 Absorvidos nos sons dos outros,  
 Emergente crescente do sol,  
 Da luz que (ilu)elimina os sentidos.

Vertigem, rodopio de imagem-acções, tempo desalinhado, querer interrompido, o sonho não concretizado, não era sonho nem pesadelo nem miragem, talvez um oásis de água, incerta para consumo, para consumo da minha insegurança, camuflada por uma peneira, rombos por todos os lados, água a entrar e ainda não entrei na piscina, para acção do jogo, que não me apetece, nunca me apetece iniciar, aqueles terríveis minutos que antecedem tudo, o medo de falhar, fugir para longe e não ser confrontado, corrida de obstáculos em que se passa ao lado, aquilo passa, não há-de ser nada, ninguém nota.

Erro de decidir, decidir erros,  
Erros da vida, vida de erros,  
Erro de acertar, acertar no erro,  
Errar o destino, destino de errar, destino errante,  
Erro de pensar, pensar tanto sobre o erro.  
Nunca errar, como saber sem o conhecer,  
Alegria de não errar, o erro da alegria,  
O erro de falar de ser erro,  
Todos os dias, mesmas perguntas, ainda sem resposta,  
Indefinição, não sair para lado nenhum, estagnar na coerência aparente,  
Constância de mutação,  
Interior, que não compreendemos, os outros menos ainda,  
Eu no meio,  
Sem saber se errei, se o outro errou, se ambos erramos, se os outros é que  
[estavam errados,  
Se o erro é que se enganou.

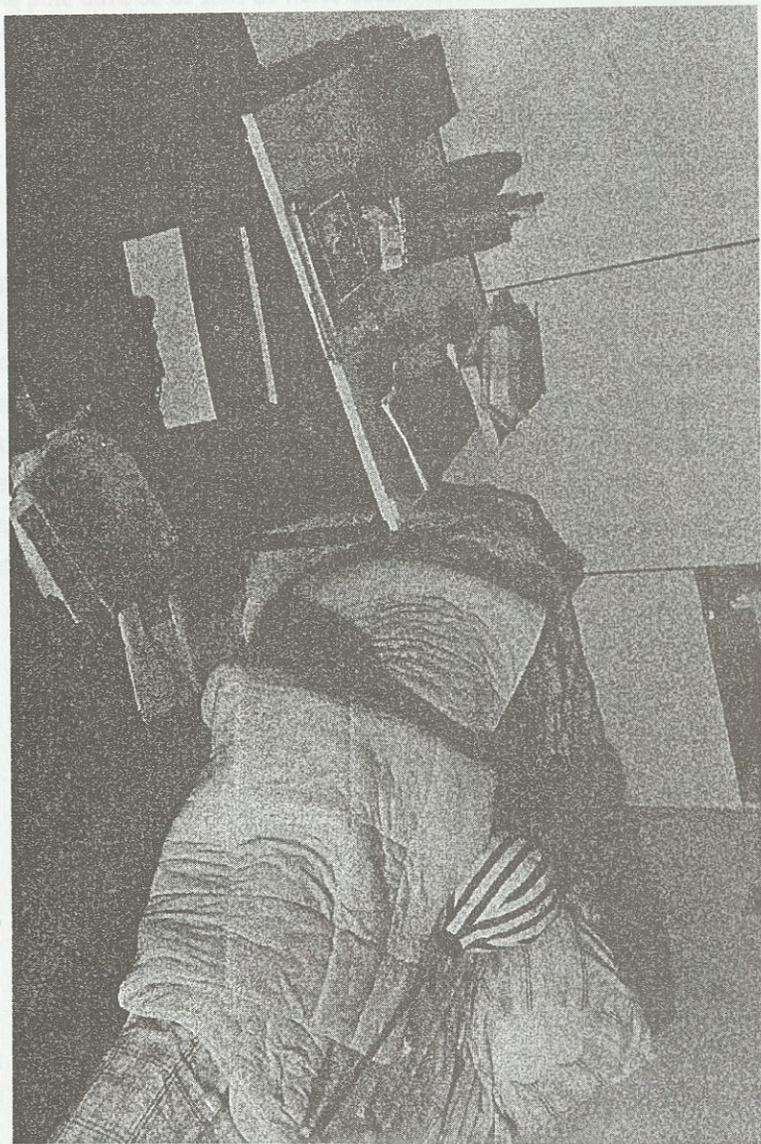
Na incrustada falta de pátria o inconcebível  
quer dizer: uma coisa muito precisa  
muito indefinida  
sempre longe será uma tremenda falta  
do mundo e das suas casas que caíram  
"na verdade"  
do resto não se sabe  
dos alicerces dos mitos  
do falo no sol ideias talvez  
demasiado paternais da criação quando  
"na verdade"  
é o silêncio que redime  
a sobrevivência distante de uma influência  
intempestiva nos braços  
epilépticos  
por todo o lado e não só  
neste lugar com os dentes cerrados terroristas  
que numa hora certa se perguntam  
as garras as alucinações meditadas  
apenas um enigma dir-se-ia  
porque as palavras saem e desconhece-se onde embatem  
os enigmas porém contêm uma envergadura  
generosa de ecos matriciais e tornam-se  
demolições  
subterrâneas criaturas  
crescentes e centrípetas

como uma aliança que se adentra  
na pele ouve-se os sons da noite desenvolverem-se  
como um insecto silencioso  
e passam muitos anos num instante  
muito preciso  
de um dom oceânico e inabitável  
fuga seminal apenas reservada  
longe assim onde se vai pescar  
para arfar fome e distância  
irremediável indistintamente se ouve  
onde se amanhece  
das excrecências  
do amor recreado insubmisso  
não se sabe  
uma coisa muito indefinida  
muito precisa.

## *aproximação prospectiva*

detenhamo-nos  
agora um pouco neste ponto do embuste. até aqui tudo  
bem, estamos ainda a mover-nos em algo anódino,  
reversível. este discurso prófugo tem ainda um certo ar  
plausível que lhe confere um  
prestígio de antífrase. mas há sempre um risco. em certas derivas,  
acontece volatizar-se uma emanção infrene, uma inesperada  
despoletação insidiosa. isto é: o que poderíamos denominar  
um acontecimento ígneo.  
mas voltando à opacidade. encontro-me então  
num sítio de defecção, com inúmeras paisagens fastigiosas.  
na verdade, o que tenho referido até este instante  
prende-se com uma pessoal corrida aos armamentos. quando  
o inimigo é  
paisagístico e o seu perigo  
naturalizante, pede-se às palavras a sua sismogenia.

E  
A  
D  
O  
A  
A  
A  
E  
A  
E  
Peto bistrúo plástico da modernidade



A CIDADE

a Italo Calvino

1. Ampulheta

A Cidade Velha e a Cidade Nova

Que a cinge num abraço sufocante.

A Cidade velha e os telhados eriçados de antenas

Coroa de espinhos de um mártir

Que se arrasta pesarosamente para o calvário arqueológico.

A Cidade Nova ou a Cidade Sem Noite

Néons, candeeiros, semáforos, faróis de nevoeiro

A Cidade Velha ou A Cidade dos Ratos

Os ratos que pululam sob as ruas,

E os que caminham sobre elas.

A Cidade Nova que é velha

O elevador que não funciona,

O estuque que ameaça cair...

A Cidade Velha que é nova

A inauguração da mais recente igreja românica

A Cidade Nova que afinal é velha

E que pisa com maldade um caco de ânfora e um dobrão

A Cidade Velha que quer ser nova

E se deixa esventrar na nova via pedonal

Pelo bisturí plástico da modernidade

Entre a Cidade Nova e a Cidade Velha corre um estrangulamento  
Que deixa passar a areia do tempo que é poeira.  
A areia não têm um só sentido mas reflui  
A Cidade Nova ou a Cidade dos Outdoors  
A Cidade Velha que é a cidade da tela e do cavalete  
E também é a Cidade dos Outdoors.  
A Cidade Velha e a Cidade Nova que são uma só.

## 2. A cidade metafísica

Os vampiros anémicos

E os anjos de asinhas debruadas a fios de ouro

Os duendes que se esquivam dos olhares nas vielas

O lobisomem que se passeia impunemente pela multidão

O médium, a cigana, o homeoterapeuta e o quiropata.

O reboar orgulhoso dos sinos de bronze da velha catedral

Abafado pelos bramidos sofridos que vêm da Igreja Universal

O boneco de voodoo entre as barbies

A bruxa, o feiticeiro, um chinês estranho e o santo milagreiro

As romarias às catedrais de ferro e betão

Galinhas mortas no cemitério e frango à mesa do pastor

Cartas de Tarot nas revistas, Cartas de Tarot por todo o lado

As seitas que se ocultam nas catacumbas

E as que se exibem nos velhos cinemas da Cidade Velha

As formas que precisam de acreditar

As formas que querem acreditar

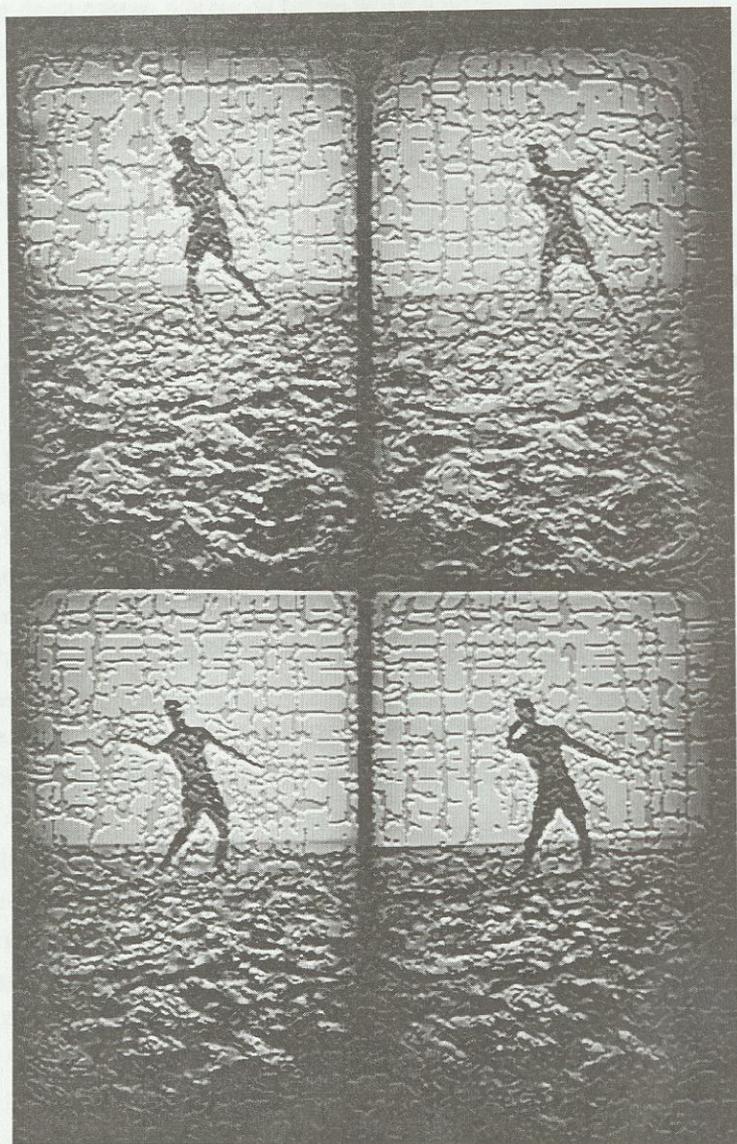
As formas que se sentem perdidas.

As formas que não se vão encontrar nem em outras formas.

### 3. Carne

As formas que se reinventam cada noite  
As formas que morrem cada manhã  
E se dirigem em silêncio ao seu mausoléu de betão  
As formas que palpitam hesitantes  
As formas que não se definem  
As formas que se fundem em efémeras bolas de carne  
E se separam vazias e acabrunhadas  
As formas que querem ser pessoas  
As formas que pululam nos autocarros  
E se esfregam sem prazer  
As formas que não são as formas que se vêm  
As formas que se encontram mas que não se encontram.  
As formas que se interpenetram mas não se continuam  
As formas que têm medo de outras formas  
As formas que têm sede de outras formas  
As formas que se metamorfoseiam em felinos sequiosos

Vapores de cio volatilizam-se de néons vermelhos  
Dois olhos soterrados em rimmel emergem da orgia de luzes  
Da Cidade Nova.  
O cerrar brusco de um piscar lascivo  
O ondear de umas ancas,  
O adejar de uma mão  
As formas que se metamorfoseiam em convivas  
Do festim do talho dos Vivos...



### *Juiz de mim*

A cada segundo que passa,  
se alastra a base de dados  
dos perpétuos processos no tribunal,  
aguardando a Justiça,  
esse presunçoso ideal.  
Rectifico as estrofes infinitas  
das leis iníquas  
do meu código pessoal.  
Cada ser humano em que reparo,  
peça permutável no puzzle:  
réu, testemunha, inocente, condenado...  
Destrinço cada insignificante artigo  
num rol de inúteis argumentos,  
emaranhado de razão e sentimentos.  
Ignoro os ocultos perigos  
nas letras pequeninas dos contratos.  
Aprovo pactos com o inimigo  
e, destroçada pelo remorso,  
interpelo recurso  
na ilusão de sepultar os meus actos.  
Acuso, ao acaso, inocentes.  
Absolvo, cúmplice, cadastrados  
que dão sorrisos como presentes  
a um coração tão pouco imparcial...

O Bem e o Mal,  
alegadamente, os actores principais,  
faces da mesma moeda  
cunhada em acordos banais.  
Assino veredictos freneticamente,  
numa corrida contra o tempo galopante,  
para que a consciência sentida  
não me acuse, involuntariamente,  
de deixar prescrever a minha vida!...



PARA DADA

As coisas feitas de plástico  
são feitas de plástico  
As coisas feitas de plástico  
são feitas de plástico  
As coisas feitas de plástico  
são feitas de plástico

os dragões veneram-na  
queimam-na por amor  
cauterizam-lhe as feridas  
cospem-lhe na pele rasgada  
lambem-lhe as palavras por dizer  
beijam-lhe as feridas  
cospem-lhe no rosto  
por amor  
queimam-lhe um pedestal

**PRAGA HIV**

Antes do contágio, o hálito do prazer era-me constantemente familiar e os corvos suaves ferviam tolhidos no carro do miradouro. O filamento do vazio, emaranhado no interior do desejo, era o magnífico solo na distribuição de pedaços de jornal, com o meu telefone escrito a azul bebé, ao longo dos sexos molhados. Destrambelhados delitos cometidos, mas do culpado nem rasto sequer. Desrespeitei-me muitas vezes, mas depois do positivismo ao máximo, andamos perdidos com anatomias e angústias semelhantes. Aos corpos desmiolados, atizados em conferência de imprensa, tudo lhes perdoo, excepto o princípio do vírus. No fundo, somos todos potenciais seres humanos, partilhamos tudo e tudo oferecemos, até a morte lenta. Na mitologia, a materialização da vacina. Aparição estragada, futuro sem lugar, imaginação desabitada para dentro do esqueleto minado. Apalpo-me em múltiplas ocasiões, mas das zonas endógenas inchaços, hematomas, nódoas, quistos. Tenho a protecção física flectida sob todo o tipo de infecções. Estremeço de medo, por detrás da latrina vertebrada. Os comprimidos são ímanes para a loucura, bengalas, hélices no deslocamento entre as várias divisões do lar. Na doença fealdade, tosse, cor amarela, pele amarela, bolor, desastre, estatística da pena. No imprevisto, a criatura amada fugiu antes de ter tropeçado no precipício ininstante. A análise sísmica foi-lhe favorável, nem sei bem como. Naquele dia tocou-me no braço e disse: — Mesmo que não me suicide antes, deixo-te para morreres à vontade, sem perturbações, na proibição dos átomos. Falta somente esculpir a execução. Assunto arrumado.

## Vós que estais aí

De pouco adianta a voz complacente, quando o rosto não se reflecte no  
[espelho dissecado;  
nem quando o bilhete assinado, tem carne correspondente ao presente do  
[mundo calado.

Sou tremenda pujança realizada, contigo no meio do clarão.  
Diz ela, quando o pulso aberto, desprende o freio das linhas carimbadas  
[na mão.

Se a tocha for a única arma fermente, contra o poço absoluto, rente ao  
[rumor do ressentimento,  
irei decliná-la sob a nuca pensativa, até o azeite penetrar no solo do  
[monólogo nadificado pelo desconhecimento.

Matéria em fermento. Fenómeno incompleto. Sem capacidade de coesão  
[dos objectos perdidos.

O ramo da nascente, abstraído nas horas de errante infinito, procura os  
[seus cobertalhos queridos.

A natura comporta é o telefone por onde a voz vem,  
e me diz: sou anjo de ígneo dizer, a adoptar imperfeição no já muito  
[declamado bem.

Resposta: Obrigada, tacteado na gestação do culto à inquietude, tão pouco  
[pela razão adivinhada.

Plebe divina, ornamentada com virtudes em extinção, faz renascer a pátria  
[que em passos disléxicos quedava.

**Sobre o meu retrato**

Eu sou o hóspede, a luz que habita o corpo. Eu sou o sexo que habita o Todo, aquele sobre quem o Todo se lapida, o primogénito entre bilhas de barro e a memória, a anterior ao Todo. Ele (hóspede) é amaldiçoado por três deuses, ainda que exista só ele, pois ele é o arco ogival. Sou a semente numa cápsula de ferro invisível unido ao reflexo Daquele que é invisível. Mal aventurados os corpos que choram, porque os hóspedes ficarão arrasados. Eu arrumo e desarrumo a ferrugem e olharei o coração dela. Sou incompreensível e habito o que não pode ser compreendido. Habitar o teu corpo que é o meu.

## Última imagem

Prefiro esperar na luz dos vitrais  
entre o tempo das folhas vendadas  
interrogar o ruído das fendas  
que a memória retém e me devolve  
imaginar o soluço doce dos seios  
o abismo sagrado dos deuses  
mas sobretudo percorrer o espaço vazio  
anterior ao primeiro pecado da rosa  
e embalsamar as feridas da língua  
o pulso frágil que me cerca  
o vinho alucinante no fundo do jarro  
como os dedos gordurosos da água.

## BAR

copos elegantes soluçam  
e sedentos gritam isolados

.....

.....

.....

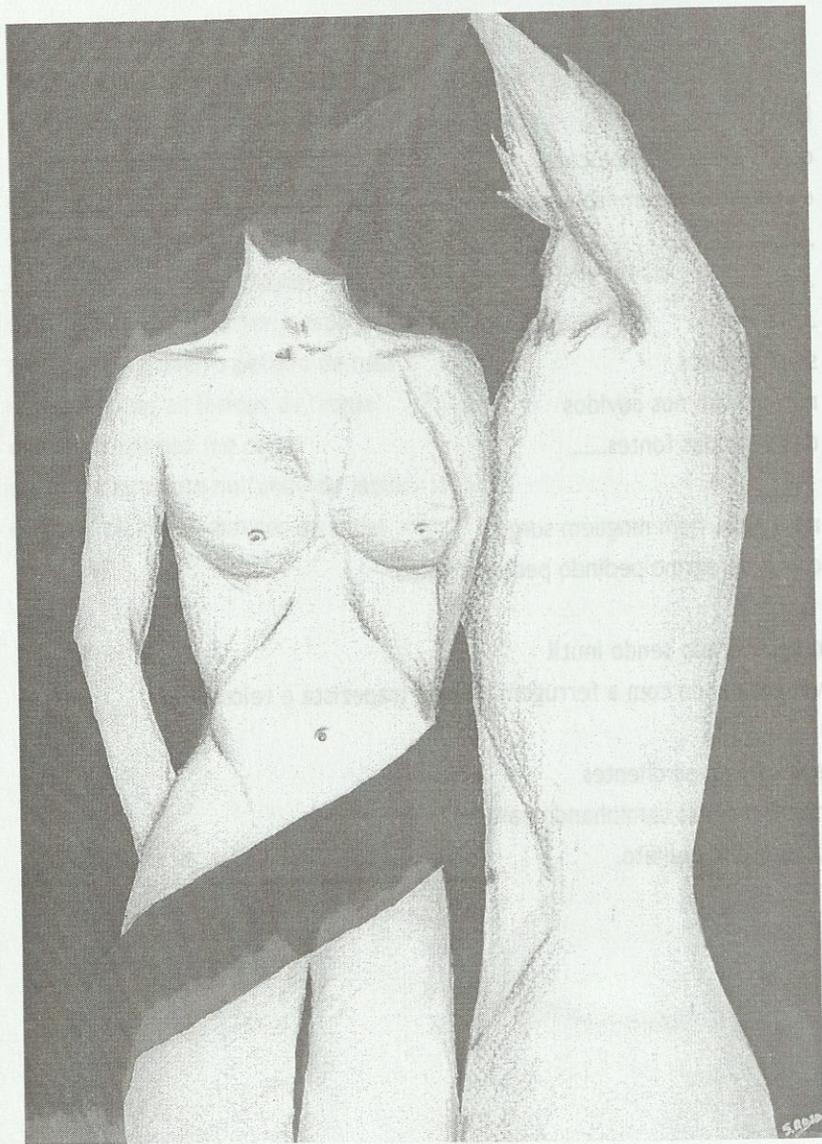
seus suspiros  
não poisam nos ouvidos  
das sagradas fontes.....

nem algo, nem ninguém surge  
como peregrino pedindo pequena gota...

o ser vidrado sendo inútil  
vai estalando com a ferrugem o fardo trapezista e teioso.

aproximam-se clientes  
como moedas caminhando para um  
palheiro irrequieto.

SANDRA ROSA



*Shhh... Ouçam...*

Ouçam o lugar comum que nos une.

Ouvem, este entre palavras?

É avassalador,

Está sempre lá.

Quando eu me calo,

e mesmo se falo

está sempre lá.

É como uma dor,

escondida, surda,

Que m'acompanha

para onde quer que vá.

*Shhh...*

Ouçam-no...

Ele está por aí,

Ele não se cria

nem se destrói.

Ele simplesmente não é.

E é esta ausência o que corrói.

*Shhh... Ouçam-na...*

Ela está sempre lá,

mesmo quando não a sentimos.

Nem a vemos

nem a ouvimos.

Ela está sempre lá,

porque é essa a sua essência,

É nem sequer ser,

e estar sempre lá.

Repetir o irrepetível.  
Inovar repetindo o inimitável.  
Imitar o inovador.  
Inovar imitando o irrepetível.  
Se calhar, eu próprio já me repito.  
Estarei a inovar?  
Ou estar-me-ei simplesmente a renovar?  
Sou apenas mais um resultado  
do repetido acto de criar.  
Por isso, sendo eu pura repetição,  
como posso aspirar  
a criar algo que seja inovação?  
Seja como for  
vou continuar, re-pe-ti-da-mente,  
a procurar no acto repetido de imitar  
algo de inovador.  
E mesmo que não inove  
pode ser que consiga provar  
que tão impossível como inovar  
é o simples acto de repetir.

Olhava incrédulo as pontas dos dedos  
como quem procura dar forma a algo imaterial.  
Sentia a dor retorcida dos ferros  
de uma máquina voadora  
corroída pela ferrugem que,  
ao contrário da física convencional,  
tinha sido criada pelo fogo,  
alimentado dos medos  
de uma consciência devoradora  
da forma e da ordem das coisas.  
A desmaterialização do tempo,  
a perda do significado físico dos factos  
fizeram-no cair, paradoxalmente,  
na cadeira do seu quarto olhando o espelho  
perante a consciência corrosiva dos actos.

Ao fundo, visto através da transparência dos seus próprios olhos, um corpo repousava sobre a cama, coberto por um lençol vermelho (a mesma cor das luvas que via no espelho a calçar as suas mãos). Seria o seu que repousava. Isso não, que a ordem e a forma das coisas não o permite...

## SANDRA ROSA



Morrer,

    porque sim

Abraçando a imensa fenda

A presa dos deuses

Lugares do outro lado de sermos nós

Parcial unidade –

No tempo

    – fracturada

Uma rasura no campo

        dos sentidos, das atenções

de afectos e premonição

A estrada que rasga a cidade

Em duas

A qualquer momento

Felinos poderão imergir

        dos canaviais, de lugares abandonados

Não há qualquer vigilante eterno

Sobre as ruas

Exercendo predisposições

As casas estão paradas

    porque obedecem a ordens

Mas o rio tem uma vida própria

Uma figura velada

        esqueceu algo

(e move-se, regressando em todas as direcções

Nos dias)

TRADUÇÃO

A certa altura do percurso, eu apercebi-me  
de que era preciso ir ainda mais longe  
E comecei a sonhar com deuses.

Sonnets from the Portuguese

Archaic

Archaic

If we could only imagine the public space / could only imagine  
as something truly public, and not a register / as something truly public,  
Of celebrated interests, of celebrated interests / of celebrated interests,  
and crowded lines, / and crowded lines, / and crowded lines,  
Fertile, and even more fertile / fertile, and even more fertile,  
Fertile, and even more fertile / fertile, and even more fertile,  
Fertile, and even more fertile / fertile, and even more fertile,

The forms invented new volumes / new volumes, / new volumes,  
Not to enclose, but to mimic the sky / not to enclose, but to mimic the sky,  
Not to enclose, but to mimic the sky / not to enclose, but to mimic the sky,  
Not to enclose, but to mimic the sky / not to enclose, but to mimic the sky,  
Not to enclose, but to mimic the sky / not to enclose, but to mimic the sky,  
Not to enclose, but to mimic the sky / not to enclose, but to mimic the sky,  
Not to enclose, but to mimic the sky / not to enclose, but to mimic the sky,

(Coming from this now, as "ruins" / (coming from this now, as "ruins"),  
Word our culture has, / word our culture has, / word our culture has,  
Word our culture has, / word our culture has, / word our culture has,  
Word our culture has, / word our culture has, / word our culture has,  
Word our culture has, / word our culture has, / word our culture has,  
Word our culture has, / word our culture has, / word our culture has,  
Word our culture has, / word our culture has, / word our culture has,

TRADUÇÃO

Sonnets from the Portuguese

Arches

If we could only imagine the public space  
As something truly public, and not this region  
Of celebrated interests, of braided voussoirs  
And crowded lintels, dozing in retraced  
Postures, and eyeworn robes—empyrean  
Fallout, boyperson lost, his sheep misplaced.

The Romans invented new volumes  
Not to enclose, but to mimic the sky,  
Vast baths designed almost by nature.  
The age we call archaic: invented rooms  
For vomiting, talking, waiting to die—  
Period of arches, lofting entablatures.

Coming on them now, as "ruins" (deepest  
Word our culture has), we are reminded  
Not of something distant, or lost in time,  
Not even what they did to build and bless  
With size their world, but how they were blinded  
By beauty, and how it eventually ruined them.

**Arcos**

Imaginarmos o espaço público

Como algo público, e não este domínio

De interesses celebrados, aduelas entrançadas

E lintéis repletos, dormitando em poses

Consertadas, e togas gastas pelo olhar – restos

Empireos, menino e rebanho desirmanados.

Os Romanos inventaram novos volumes

Não para encerrar, mas para imitar o céu,

Banhos largos desenhados quase pela natureza.

A era a que chamamos arcaica: inventou salas

Para vomitar, conversar, esperar a morte –

Época de abóbadas, entablamentos altos.

Ao chegar a elas, “ruínas” (profunda

Esta nossa palavra), fazem lembrar

Não algo remoto, ou perdido no tempo,

Ou sequer o que construíram para abençoar

O mundo com a sua escala, mas como a beleza

Os cegou, e por fim os veio a arruinar.

## Town Square

The empty center is a common feature  
Of medieval planning: lanes and streets  
Spoking out from a hub-like square:  
A market, but also a spot for torture,  
Pillories placed where men would greet  
Each other, to talk and smoke and stare

At the sky, which was otherwise blocked  
From sight, by the tight and crooked streets:  
Like The Street of the Slipper Sellers, or Purse  
Makers. And looking down from high—the clock,  
With the uncluttered smile of a nurse,  
On the insipid heads of traders, the retreat

Of nervous roofs. Filled with rain or light  
Whichever is the case, we'd like them  
To correspond to what in us is wont  
To make them up, some arbitrary site,  
Free of architecture and brick, their hem  
Of windows thrown back at dusk, but they don't.

O centro vazio é característico  
Da traça medieval: becos e ruas  
Raiando do eixo da praça:  
Feira, mas também local de tortura,  
Pelourinhos onde os homens se saudavam,  
Conversavam, fumavam e olhavam

Para o céu, que estava de outro modo  
Escondido por ruelas sinuosas:  
Como a Rua dos Sapateiros, ou dos  
Correiros. E a olhar lá de cima — o relógio,  
Com o seu sereno sorriso de ama,  
Sobre as cabeças insípidas dos feirantes, o retiro

De telhados nervosos. Cheios de chuva  
Ou de luz, conforme; queríamos que  
Fossem o que em nós é desejo  
De os inventar, um sítio arbitrário,  
Livre da arquitectura e do tijolo, a bainha  
De janelas recuando ao escurecer, mas não são.

The further south you go the closer cultures  
Are to the earth, bent like old Japanese  
Upon their legs, one arm outstretched, looking  
Back over their shoulders, at the figures  
Others make, all going like that, or on their knees  
Along the wire, while the sun is lowering:

A green twined God, whom sorrow  
Follows everywhere, like a system—  
His hour a wineglass full of time,  
Seeded wrinkle in his blood, a furrowed  
Brain, much too alive with invention:  
Thoughts flow out of him, in Latin, unrhymed.

But when I lift it to the eye, noting how  
Window light pours through it,  
As though coming from somewhere inside  
The glass, or drawn off the drinker's brow,  
It passes through the heart, ferrets out  
Fear and washes everything, I know I will abide.

## Vinho

Quanto mais ao sul mais chegadas à terra  
São as culturas, dobradas como velhos japoneses  
Sobre as pernas, um braço esticado, a olhar  
Para trás por sobre os ombros, para as figuras  
Que os outros fazem, todos assim, ou de joelhos  
Pelo arame fora, enquanto vai descendo o sol:

Um Deus verde enlaçado, ao qual a mágoa  
Segue a toda a parte, como por sistema —  
A sua hora um copo de vinho cheio de tempo,  
Onda semeada no sangue, sulco aberto  
No cérebro, engenho aguçado demais:  
Saem-lhe as ideias, em latim, sem rima.

Mas quando, à altura dos olhos, vejo  
Jorrar a luz da janela que o atravessa,  
Como se viesse de algures dentro  
Do copo, ou dos olhos de quem bebe,  
Eis que trespassa o coração, vai direita  
Ao medo e leva tudo, eu sei que vou ficar.

## Altar

In the middle, low down the vast, organ-  
Carved space, between nave and chancel,  
Is a bench to hold the beaker of blood.  
A rough-hewn table, marble-spanned, and  
Covered by a purple carpet. The spell  
Of work is there. Beneath his skirts the mud-

Streaked boots of the village cleric tell  
Of one who once a week must lug his flock  
Into light. He waves his arms precisely  
As though above a butcher's trestle  
Table, all his tools are there: a stock  
Of hosts, the sceptre, a book of vaguely

Technical nature in which is discussed  
the division of bread. From the clerestory  
The downspill of light seems to stall  
Right above these chores, this white-cuffed fuss  
Of hands, the mumbling, the whole history,  
Traced in a crease, of love's betrayal.

## Altar

A meio, por baixo do vasto espaço cavado  
Pelo órgão, entre a nave e o coro,  
Há uma pedra para o cálice do sangue.  
Mesa de talha tosca, tampo de mármore  
Por baixo da coberta encarnada. O sortilégio  
Do trabalho mora ali. Por baixo da batina

A lama nas botas do padre da aldeia fala  
De quem, cada semana, arrasta o rebanho  
Até à luz. Move os braços com precisão  
Como se estivesse diante da banquetta  
Do carneiro, alfaias à mão: algumas  
Hóstias, a cruz, um livro vagamente

Técnico no qual se discorre  
Sobre a divisão do pão. Do clerestório  
A luz coada parece suspensa  
Por cima destes gestos, deste rebuliço  
De punho branco, resmoneio, traçando  
Numa prega a história da traição do amor.

Tradução de Manuel Portela

ABOLIR LA MORT

par l'accumulation  
d'objets équivalents à  
l'infinité objective du  
capital en lieu  
et place du sentiment  
d'éternité

nous mourons par habitude  
faisant notre salut dans le loisir  
la mode et la passion  
des lettres géantes et lumineuses  
qui flottent librement  
sur nos  
têtes

leur message est simple,  
transparent –  
et nous consentons à l'illusion  
cependant que le monde animé, lui, devient le simple  
effet d'un trouble de la vue

dans la clarté totale  
des insomniaques  
sous-urbains

ABOLIR A MORTE

pela acumulação  
de objectos equivalentes à  
infinidade objectiva do  
capital em espaço  
e lugar do sentimento  
de eternidade

morremos por hábito  
dizendo o nosso olá no lazer  
a moda e a paixão  
das letras gigantes e luminosas  
que flutuam livremente  
sobre as nossas  
cabeças

a sua mensagem é simples,  
transparente –  
e nós consentimos a ilusão  
enquanto o mundo animado, esse, se torna o simples  
efeito de um problema de visão

na claridade total  
dos que sofrem de insónias  
suburbanas

nous parlons tous  
la même langue  
celle qui ne doit rien nous  
enlever du besoin  
de nous sentir complices  
tout en nous évitant de dissenter sur  
l'in vraisemblable et douloureux  
privilège d'être mû de l'intérieur

invokant Joyce, Loyola. Sade, Broodthaers,  
Duchamp, Ponge, Warhol et  
les autres saints fétichistes, sans compter  
tous ces grands écrivains petit-bourgeois  
qui nous consolent en démontrant:  
que la vraie révolution est  
celle du langage et que  
la parole n'est qu'un prétexte  
pour rassembler toutes ces choses absentes  
qui consolident la sureté de ce rapport fondamental  
à l'être

mais cette pensée  
qui nous revient avec  
une conscience accrue  
réparée par un nouveau  
degré d'intention

cette ardeur renouvelée  
dans l'exécution rituelle  
et le violent artifice

falamos todos  
a mesma língua  
aquela que não nos deve  
afastar da necessidade  
de nos sentirmos cúmplices  
impedindo-nos de dissertar sobre  
o inverosímil e doloroso  
privilegio de nascermos de dentro

invocando Joyce, Loyola, Sade, Broodthaers,  
Duchamp, Ponge, Warhol e  
os outros santos feiticistas, sem contar com  
todos esses grandes escritores pequeno-burgueses  
que nos consolam demonstrando  
que a verdadeira revolução é  
a da linguagem e que  
a palavra não passa de um pretexto  
para reunir todas essas coisas ausentes  
que consolidam a certeza dessa relação fundamental  
ao ser

mas este pensamento  
que nos ressurgue com  
uma consciência acrescida  
reparada por um novo  
grau de intenção

este ardor renovado  
na execução ritual  
e o violento artifício

de l'accident  
qui fascine

L'art de vivre ailleurs

talamos todos  
a mesma língua

aquela que não nos deve

afastar da necessidade

de nos sentirmos culpados

impedindo-nos de dissociar sobre

o invertimnt e dorotas

privilégio de nascermos de dentro

invocando Joyce, Lyoz, Sade, Brecht,...

Duchamp, Ponge, Waitol e

os outros tantos felicitistas, sem falar com

todos esses grandes escritores pedindo desculpas

que nos consolam demonstrando

que a verdadeira revolução é

a da linguagem e que

a palavra não passa de um pretexto

para reunir todas essas coisas ditas

que consolidam a corrente desta religião

so ser

mas este pensamento

que nos ressurge com

uma consciência esquecida

teparada por um novo

gesto de intenção

este arbor renovado

na execução ritual

e o violento exercício

do acidente  
que fascina

sem problema que

a arte de viver noutra lugar

do misticismo e do positivismo

— ou seja a coincidência paradoxal

do prazer e da inibição —

mas somos mais resistentes

a encarar as consequências

das transformações correntes

de sentimento comum

de modo num discurso

egalitário, civilizado e sobretudo ambientalmente

relações económicas e

sociais

ON ADMET

voluntiers pas

le fascisme est bien la synthèse

du mysticisme et du positivisme

— c'est à dire la coincidence paradoxale

de la jouissance et de l'inhibition —

mais on est plus résicent

à envisager les conséquences

des transformations courantes

du sentiment commun

de part en un discours

égalitaire, civilisé et résicent

rapports économiques et

sociaux

ON ADMET

volontiers que  
le fascisme est bien la synthèse  
du mysticisme et du bestialisme  
– c'est à dire la coincidence paradoxale  
de la jouissance et de l'inhibition –  
mais on est plus réticent  
à envisager les conséquences  
des transformations courantes  
du sentiment commun  
de *peur* en un discours  
égalitaire, civilisé et résolument moderne sur les  
rapports économiques et  
sociaux

sem problema que  
o fascismo é mesmo a síntese  
do misticismo e do bestialismo  
— ou seja a coincidência paradoxal  
do prazer e da inibição —  
mas somos mais reticentes  
a encarar as consequências  
das transformações correntes  
do sentimento comum  
de *medo* num discurso  
igualitário, civilizado e sobretudo moderno sobre as  
relações económicas e  
sociais

## OR, LA PENSÉE SOCIALE

se trouve fréquemment au  
coeur de nos préoccupations  
les plus urgentes — elle nous  
procure un àlîbi où se  
dorlotent les confusions et les  
sentiments les plus ignobles,  
les plus inavouables

quand le cauchemar de l'entropie  
nous guette  
dans un bouillonnement d'hemurs où  
tout écoulement volontaire  
ou fortuit  
est une déperdition d'énergie  
quand tout rapport sexuel s'apparente  
à un suicide  
quand l'afflux du sang disperse ces pensées  
enfin  
on tente malgré tout de maintenir  
l'accord des extrémités sensibles  
du corps aux objets qui l'entourent  
quand ces moments-là  
on voudrait apprendre à  
consentir à sa propre fin  
qui n'est ni dans le monde  
ni hors du monde

## OU, O PENSAMENTO SOCIAL

encontra-se frequentemente no  
centro das nossas preocupações  
mais urgentes – ele  
proporciona-nos um alibi onde se  
afagam as confusões e os  
sentimentos mais ignóbeis,  
mais inconfessáveis  
quando o pesadelo da entropia  
nos espreita  
na fervura de humores onde  
todo o derramamento voluntário  
ou fortuito  
é um desperdício de energia  
quando toda a relação sexual se aparenta  
com um suicídio  
quando o afluxo do sangue dispersa os seus pensamentos  
enfim  
tentamos apesar de tudo manter  
a harmonia das extremidades sensíveis  
do corpo aos objectos que o rodeiam  
quando estes momentos sobrevêm  
gostaríamos de aprender a  
consentir o seu próprio fim  
que não está no mundo  
nem fora do mundo

majeur, profond et spasmodique, prélude à un air vengeur et menaçant qui mit en marche un nouvel afflux considérable de connaissances jusqu'alors muettes et endormies. Avant de reprendre de nouveaux rêves désordonnés et prémonitoires, on songe à un subterfuge, un expédient sonore qui nous permette d'oublier les racines de notre mal tenace. Les contractions dans l'estomac. Les serremments de coeur. Les tousotements, les reniflements, les visages contractés de la conscience indignée. Pour faire de nos envies des éclaboussures étranges, posées sur une odeur de cirage brûlé.

## FOI UM ACORDO

grandioso, profundo e espasmódico, prelúdio de um ar vingador e de ameaça que pôs em marcha um novo afluxo considerável de conhecimentos até então mudos e adormecidos. Antes de reatar novos sonhos desordenados e premonitórios, aspiramos a um subterfúgio, um expediente sonoro que nos permita esquecer as raízes do nosso mal tenaz. As contrações no estômago. Os apertos de coração. As tosses, as fungadelas, as faces contraídas da consciência indignada. Para fazer das nossas vontades lamas estranhas, postas sobre um ardor de cigarro queimado.

## DU DÉTACHEMENT EN TANT QUE CRI ET DE SON ABOUTISSEMENT

D'aucuns préconisent un débranchement graduel dont les étapes correspondraient à celles qui nous ont valu d'être, en fin de compte, seuls, sans même nous accorder la consolation d'être uniques. Autant de temps et de tremblements diffus, suivis d'un dernier spasme dans un déchirement délétère, couleur d'atrabilaire profond.

[Chanté:]

Sans pour autant nous attrister de nos futures décombres.

Et pour seul orgueil le manque d'orgueil.

Et la peur qui nous reste, aussi efficace que jamais.

## DO DESAPEGO ENQUANTO GRITO E DO SEU RESULTADO

Alguns preconizam uma desramificação gradual na qual as etapas corresponderiam àquelas que nos fizemos ser, no fim de contas, sós, sem mesmo nos conceder a consolidação de sermos únicos. Tanto tempo e tremores difusos, seguidos de um último espasmo num rasgão deletério, cor de atrabiliário profundo.

[Cantado:]

Sem por tanto nos afligirmos com nossos futuros escombros.

E por único orgulho a falta de orgulho.

E o medo que nos resta, mais eficaz do que nunca.

## LE GRAND RETOUR DE LA CHAIR

La respiration devient lente, les veines bougent, les poings se serrent. Tout a pourtant l'air de s'accomplir normalement. Les objets s'accouplent en un effondrement paresseux, en paires sages mais brutales. Dans une tranquillité presque prodigieuse, ils soulèvent tout sur leur passage; comme s'ils voulaient nous indiquer la trace d'une nouvelle déception étonnée mais partagée, une humeur discrète et sibylline tapie au coeur de quelque divan poussiéreux.

La femme a des allures proches, une opulence digne et sévère.

L'homme présente d'assez bonnes dispositions.

## O GRANDE REGRESSO DA CARNE

A respiração torna-se lenta, as veias mexem, os punhos cerram-se. Tudo tem contudo ar de se concluir normalmente. Os objectos acasalam num afundar preguiçoso, em pares quietos mas brutais. Numa tranquilidade quase prodigiosa, elevam tudo sobre a sua passagem; como se quisessem indicar-nos o rasto de uma nova decepção surpreendida mas partilhada, um humor discreto e sibilino oculta-se no coração de algum divã poeirento.

A mulher tem gestos próximos, uma opulência digna e severa.

O homem apresenta muito boas aptidões.

UN CANTIQUE

a la vierge grosse ombre silencieuse au coin en un cachot noir rêve mouillé  
d'hérétique misérable carmélite et si bienvenue arrosant la terre des  
sécrétions de ses chairs successives un oeil qui pleure la peine de l'élément  
primordial jusqu'à la consommation. du siècle dans un sommeil que tous  
espèrent plus sûr

*celle-là qu'il prendrait  
dans ses bras tendrement  
où son amour lui donnerait  
ainsi unis en un  
au père la conduirait  
où du même plaisir  
dont jouit Dieu elle jouirait  
(Jean de la Croix)*

## UM CÂNTICO

à virgem grávida grande escuridão silenciosa ao canto num cárcere negro  
sonha baptizada de herética miserável carmelita e tão bem-vinda regando  
a terra das secreções das suas carnes sucessivas um olho que chora a perda  
do elemento primordial até à consumação do século num sono que todos  
esperam mais certo

*aquela que ele tomaria  
em seus braços ternamente  
onde seu amor lhe daria  
assim unidos em um  
ao pai a conduziria  
onde do mesmo prazer  
do qual frui Deus ela fruiria  
(S. João da Cruz)*

*Tradução de natália teles nunes*

**Secret Silent Plan**

: I have a secret silent plan to slowly and secretly withdraw. The plan is to silently and slowly withdraw my services from a dubious and unappreciative institution. My plan is secret. I may or may not be carrying it out right now.

: Eu tenho um plano secreto e silencioso de lenta e secretamente me retirar. O plano consiste em retirar os meus serviços, silenciosa e lentamente, de uma instituição dúbia e ingrata. O meu plano é secreto. Poderei ou não estar a levá-lo a cabo neste preciso momento.

When you  
put in  
the right  
materials – the product  
comes out fine. But when you put something other into the machine,  
sometimes nothing comes out at all. Or the thing that comes out looks  
strange. Or perhaps the machine breaks, and you build a new machine.

Quando

inseres

os materiais

correctos – o produto

sai direitinho. Mas quando inseres outra coisa na máquina,

por vezes não sai nada. Ou a coisa que sai parece

estranha. Ou talvez a máquina avarie, e tu constróis uma máquina nova.

At UB North Campus  
you are always put beside yourself  
a constituent of self-surveillance

[ if you walk, for example, from Clemens Hall, where the Poetics Program is, to Capen all, where the Poetry/Rare Books Collection is, you traverse a sort of canal where buildings rise, some steeply and without windows, on either side of you. Traverse is also to swivel (e.g. a mounted gun) laterally on a pivot . Educational Industrial Complex. Your eyes fix forward, with no amenable periphery, and the rooftops are haunted with the ghost of the National Guardsmen imagined to take up position there. Construction started in 1969. There are several origin stories, one of which is that the humanities were housed up there to protect them from angry townspeople who, Ron Silliman told me this, after student protests had subsided, would smash windows on South Campus and paint anti-Communist slogans. Another involves a prison architect, carried around in a basket woven of skepticism and all too willing belief. People will sometimes fondly tell you that UB was known as "the Berkeley of the East." ]

Many amenities branch off  
paved pathways and yet  
you are not the subject imagined  
to occupy space there —  
apparently the idea that you might leave your work  
for any other reason than to eat or go to the library  
was once unimaginable.

Na Universidade de Buffalo, North Campus,  
tu és sempre quer queiras quer não  
uma parte da auto-vigilância

[se caminhares, por exemplo, de Clemens Hall, onde se encontra o Programa de Poética, até Capen Hall, onde está a Colecção de Poesia e Livros Raros, atravessas uma espécie de canal onde edifícios se erguem, de um lado e do outro, alguns vertiginosamente e sem janelas. Atravessar significa também girar (i. e., uma arma fixa) lateralmente sobre um eixo. Complexo Industrial Educacional. Os teus olhos fixam-se em frente, sem qualquer periferia agradável, e os telhados estão assombrados pelo fantasma dos Guardas Nacionais que imaginas aí a tomar posição. A construção começou em 1969. Existem várias histórias sobre a origem, uma das quais afirma que as humanidades foram alojadas lá em cima para serem protegidas dos habitantes locais enfurecidos que, quem mo disse foi o Ron Silliman, depois dos protestos estudantis terem batido em retirada, vinham partir janelas no South Campus e pintar slogans anti-comunistas. Outra envolve um arquitecto de prisões, circulando num cesto tecido de cepticismo e crença demasiado ingénua. As pessoas dizem por vezes, carinhosamente, que a UB era conhecida como a "Berkeley do Leste."]

Muitas amenidades bifurcam  
caminhos pavimentados e ainda assim  
tu não és o sujeito que se imagina  
a ocupar aí espaço –  
pelos vistos a ideia de alguém largar o seu trabalho  
por outra razão que não seja comer ou ir à biblioteca  
foi em tempos inimaginável.

If there's a problem of being a poet in that space it's only a problem of being in a space where you were not imagined to be and in fact for most of us the work of poetics gets done in the spaces we make in Buffalo proper, down here and not up there.

When you realize this you begin to realize your position as margin – that your concerns are marginal to the university's concerns.

But I don't believe the concept of margin has much integrity. Margin is a structural effect, that of always being put beside yourself.

It makes more sense to occupy, as Rosmarie Waldrop does, the Lawn of Excluded Middle. That is, to take up that space that is logically a non-space, neither here nor there.

As Aristotle put it, neither A nor – A.

North Campus is that way. You'll notice the absence of benches.

There I tried to lose myself to see that self formed around me, not so much given to me but forced upon me.

Se há problema em ser poeta nesse espaço, é apenas um problema de estar num espaço onde não se imaginou que estivesse e de facto para a maioria de nós o trabalho de poética é feito nos [espaços que nós criamos mesmo em Buffalo, cá na baixa e não lá em cima.

Ao perceber isto começa a perceber a tua posição como margem – que as tuas preocupações são marginais às da universidade.

Mas não acredito que o conceito de margem tenha muita integridade. A margem é um efeito estrutural, o seres sempre posto à parte de [ti mesmo.

Faz mais sentido ocupar, como faz Rosmarie Waldrop, [o "Relvado do Centro Excluído". Isto é, ocupar aquele espaço que é logicamente um não-espaço, nem aqui nem ali.

Parafraseando Aristóteles, nem A nem – A.

North Campus é nesse sentido. Nota-se a ausência de bancos.

Procurei perder-me lá para ver esse eu gerado em torno de mim, não tanto a ser-me dado, mas antes imposto.

North is that way, North Campus is over there.

Think of a city like Buffalo that has a name and bears that name

variously –

my words went like that over there.

This is how it proceeded. First I went looking for the lawns of excluded middles.

O Norte é nesse sentido, o North Campus é já ali.

Pensem numa cidade como Buffalo, que tem um nome e o utiliza  
[de várias formas –  
as minhas palavras foram assim, já ali.

Foi assim que continuou. Primeiro fui à procura dos relvados dos centros  
excluídos.

*Tradução de Luís Fazendeiro*

ENSAIO

O Norte é esse sentido, o Norte-Campo é esse...

Podem não estar como... as palavras foram...

Palavras do continente... excluídas.

Trabalho de Luis...

Introdução crítica a  
*Lies about the truth / Mentiras sobre a  
 verdade: uma antologia de poesia brasileira  
 pós-moderna (2000)*

Régis Boivindo

Paul Hoover convidou-me generosamente para editar uma antologia de poesia brasileira deste século para *New American Writing*. Ante a urgência de tempo para consecução da tarefa tão ampla, propus-lhe uma seleção com os nomes que considero os mais consistentes, ao menos sob o momento, de minha geração, ainda sob julgamento do tempo. Aos selecionados, acrescentei suas referências que reputo consensuais, com algumas das peças decisivas escritas depois dos anos 50, sob o impacto do pós-guerra e do movimento da Poesia Concreta (1956). Tais interlocutores, a propósito, são, à meu ver, os três maiores poetas brasileiros deste século: Murilo Mendes (1901-1975), Carlos Drummond de Andrade (1902-1997) e José Cabral de Melo Neto (1920-1999). A estes ainda acrescentei, sob o mesmo preceito que comecaram a produzir depois dos anos 50, Mário Fagundes (1903-1981) e Paulo Leminski (1944-1989) — mortos precocemente — de maneira, funcionaram como modelos, para a geração dos 60s, que abriram perspectivas aos cinco poetas ora publicados: João Cabral de Melo Neto (n. 1920), Horácio Casco (n. 1926), Jomar Augusto França (n. 1957), Cidrito Azevedo (n. 1961) e Gláucia Rangel e Silva (n. 1963).

ENSAIO

ENSAIO

Introdução crítica a  
*Lies about the truth / Mentiras sobre a  
verdade: uma antologia de poesia brasileira  
pós-moderna (2000)*

Régis Bonvicino

Paul Hoover convidou-me generosamente para editar uma antologia de poesia brasileira deste século para New American Writing. Ante a exiguidade de tempo para consecução de tarefa tão ampla, propus-lhe uma seleta com os nomes que considero os mais consistentes, ao menos até o momento, de minha geração, ainda sob julgamento do tempo. Aos escolhidos, acrescentei suas referências que reputo consensuais, com algumas das peças decisivas escritas depois dos anos 50, sob o impacto do pós-guerra e do movimento da Poesia Concreta (1956). Tais interlocutores, a propósito, são, a meu ver, os três maiores poetas brasileiros deste século: Murilo Mendes (1901-1975), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e João Cabral de Melo Neto (1920-1999). A estes ainda acrescentei dois mais jovens que começaram a produzir depois dos anos 50, Mário Faustino (1930-1962) e Paulo Leminski (1944-1989) – mortos precocemente – que, cada um à sua maneira, funcionaram como modelos, para a construção de novas situações, que abriram perspectivas aos cinco poetas ora publicados: Júlio Castañon Guimarães (n. 1951), Horácio Costa (n. 1954), Josely Baptista Vianna (n. 1957), Carlito Azevedo (n. 1961) e Claudia Roquette-Pinto (n. 1963).

O concretismo foi o mais complexo movimento de vanguarda dos anos 50 para cá, ao lado do Tropicalismo (1968) – este no âmbito da música popular mas com irradiação para toda a cultura também. Ambos, todavia, não alcançaram o caráter fundante e renovador do modernismo brasileiro de 1922 e deles são tributários. Haroldo de Campos – o mais aberto poeta produzido pelo concretismo, inclusive pelo fato de tê-lo relativizado, com sua trajetória e teoria do pós-utópico (anos 80), estaria incluído na seção “Referências”, ao lado de Faustino e Leminski, caso tivesse autorizado a publicação de poemas de, sobretudo, *A educação dos cinco sentidos* (1985) – coletânea fundamental para esta nova geração. Outros nomes relevantes não estão aqui incluídos por não serem, digamos, referências comuns a todos. Entre eles, mencionaria, no entanto, o de Ferreira Gullar (geração dos anos 50). A queda do Muro de Berlim, em 1989, surpreendeu o concretismo já em avançado estado de exaurimento e o tropicalismo, de Caetano Veloso, distante de suas preocupações originais. Este panorama permitiu a retomada da questão da possibilidade da existência de núcleos de vanguarda diversos dos anteriores e, com isso, afetou e vem afetando profundamente o cenário. Se a queda do Muro é um marco histórico, a antologia *Nothing the sun could not explain* é um signo visível de uma nova coesão.

Júlio Castañon Guimarães, Horácio Costa, Josely Vianna Baptista, Carlito Azevedo e Claudia Roquette-Pinto, conseguiram não só construir um trabalho individual significativo (apesar da opressão da Ditadura Militar, 1964-1985, e da pressão do concretismo como “única vanguarda possível”, que apanhou em cheio os três primeiros) mas também alterar um tanto a compreensão da idéia de poesia no Brasil – formulando novas possibilidades de experimentação – o que ainda não está reconhecido pela crítica. A meu ver, o concretismo (1956) foi, em determinado sentido, “deslocado” enquanto fórmula, com o poema “Isso é aquilo”, de 1962, de Carlos Drummond de Andrade. Este poema, com sua instabilidade semântica, sua

desconfiança em relação à palavra, com sua hesitação, instala, de fato, algo que se pode chamar de pósmoderno. É de justiça, no entanto, dizer que, até o início dos anos 80, o movimento ainda se mantinha seminal sobretudo do ponto de vista das informações que oferecia à cultura brasileira e dos poetas que traduzia, influenciando Régis Bonvicino, Júlio Castañon Guimarães, Horácio Costa e Josely Vianna Baptista e mais indiretamente Azevedo e Roquette-Pinto.

A Poesia Concreta baseava-se na idéia de progresso e, neste e em outros aspectos, pode ser entendida como prolongamento das vanguardas históricas européias do início do século e, inclusive, do modernismo brasileiro, liderado por Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), movimento que contou em suas fileiras com Carlos Drummond de Andrade (para mim, o maior poeta brasileiro de todos os tempos) e Murilo Mendes, entre outros. João Cabral, que reconhecia o concretismo, estreou em 1945, sob o impacto de Drummond e do surrealismo e, em nenhum momento, apesar de sua admiração, deixou-se tocar, em seus poemas, por aquelas propostas, inventando sua própria vanguarda — tensão entre rigor de formas e vigor de imaginação, que funciona, por suas virtudes, como modelo de independência aos novos poetas. Transcrevo, neste ponto, observação de Michael Palmer, em recente ensaio sobre Octavio Paz: "Talvez, Paz observa, somente o concretismo brasileiro pode ser visto como extensão genuína do vanguardismo histórico dentre os mais recentes movimentos do passado". A conclusão é a de que, ao contrário da cronologia, o concretismo não pode ser elencado como manifestação pósmoderna, exceto na figura de Haroldo de Campos que, apesar de idas e voltas, foi capaz de abrir-se, num exercício de auto-superação. Até mesmo em *Galáxias* (1963-1976) — igualmente um trabalho que apontava, embora numa frequência menos incisiva, para a relativização de suas primeiras crenças — podem ser encontrados muitos dos traços do pósmodernismo internacional: auto-referencialidade, citação, pastiche, paródia, apagamento das

fronteiras – em muitos momentos – entre o literário e a música (cultura) popular.

Tais características não vão ser encontradas, explicitamente, nos trabalhos dos novos poetas – que recusam diálogo com a música popular (em busca de uma reconfiguração do literário em si), com a poesia gráfica e visual (mas não com as artes plásticas), com o pastiche, com a ironia enquanto distanciamento do mundo e com o universo dos mass media. Talvez, o único entre os cinco que esteja mais próximo do pósmodernismo internacional seja Horácio Costa, que se vale das idéias de pastiche e paródia, em parte de sua já extensa obra.

Nesta geração, a revolução pela palavra, conectada com um certo existencialismo (não contracultural), e a retomada de uma antilira, como em Drummond, em Mendes, em Cabral, em Faustino e em Leminski, é um de seus traços fundamentais, que, inclusive, a diferencia da dominante poesia confessional, feita em versos livres, e da poesia de metros fixos – pávido formalismo, que tenta, ainda, reavivar o soneto, por aqui.

Enfim, este conjunto de poetas, que relativiza a idéia de “progresso”, é de vanguarda, ao menos, por contraste, no conservador panorama da poesia no Brasil de hoje. Uma de suas características é, seguramente, a exploração da linguagem em si e também de suas possibilidades de representação, para além do verso e das soluções propostas pelo concretismo. Outra marca: a de produzir trabalhos de difícil comunicação e apreensão numa primeira leitura – a busca de uma certa “ilegibilidade”. Do ponto de vista do público americano, há algo importante a se dizer: Ezra Pound (como guia para as traduções e como teórico) e e.e. cummings (como modelo de poema) foram referências essenciais ao concretismo. Este último, aliás, um poeta que influenciou também, paradoxalmente, Lawrence Ferlinghetti – integrante do movimento beat, oposto aos propósitos da vanguarda brasileira. Hoje, a atenção de alguns dos autores desta nova geração volta-se para os Objetivistas, para William Carlos Williams, para Robert

Creeley, para Allen Ginsberg, John Ashbery, para Michael Palmer e para a Language Poetry. Murilo Mendes e Drummond de Andrade têm – em comum – a recusa às formas batidas e o senso vivo de modernidade como liberação. Todavia, o último – como repara Alfredo Bosi – trilha veredas opostas às do primeiro ao perseguir o onírico e o alucinatório: “[...] Foi João Cabral de Melo Neto quem acertou no alvo quando reconheceu: ‘a poesia de Murilo sempre me foi mestra, pela plasticidade e novidade da imagem. Sobretudo foi ela quem me ensinou a dar procedência à imagem sobre a mensagem, ao plástico sobre o discursivo’. Nesta caracterização, reconhecem-se o processo futurista da montagem e o processo surrealista da seqüência onírica[...]”. Estes traços, de onirismo e alucinação, podem ser lidos na produção de todos os poetas aqui publicados principalmente na de Josely Vianna Baptista e na de Horácio Costa. Mendes, um cosmopolita independente, que travou diálogo e contacto como os maiores nomes das vanguardas históricas da Europa, talvez seja o “modelo” que mais fascine os jovens poetas brasileiros, voltados para uma poesia de inovação.

Cabem, agora, algumas palavras a respeito da importância de Faustino e Leminski. Faustino não só antecipou como promoveu o concretismo (recusando-se no entanto a se filiar). Manteve-se como um vanguardista independente, com curiosidades que ultrapassavam os limites do movimento e do próprio tempo. Vinculava-se a Blake, Rimbaud, Nietzsche e Dylan Thomas. Escreveu e publicou os primeiros poemas de amor homossexual, entre nós. Era – ao tempo que morreu – o maior intelectual de sua geração, ao lado de Haroldo de Campos. Tinha em mente construir um poema longo, biográfico e cósmico, que combinasse sintaxe ideográfica e sintaxe linear. Foi, na verdade, o mais “poundiano” de todos os seus pares. Acabou se transformando em um “fundador”, no sentido de marcar uma posição de vanguarda independente, solitária, sem “adesão” a movimentos – funcionando como um “arquétipo”, para os novos poetas aqui apresentados. Já Paulo Leminski – da geração de Caetano Veloso, Torquato Neto

e Duda Machado – começou poeta concreto, para, depois de escrever uma obra monumental, de cunho joyceano, com *Catatau* (1975), iniciar um rompimento com os valores do concretismo, que iria tocar a todos os mais novos de perto. A respeito de seu trabalho, transcrevo, de novo, Alfredo Bosi: “[...] Um nome à parte que evoca uma presença irradiadora, não só poética mas cultural, é o de Leminski, que morreu, jovem, ainda, em 1989. A sua trajetória [...] trouxe à luz as fraturas de toda vanguarda pós-68. Leminski tentou criar não só uma escrita mas uma antropologia poética pela qual a aposta no acaso e nas técnicas ultramodernas de comunicação não inibisse o apelo a uma utopia comunitária”. De algum modo, estes cinco novos poetas (e outros que em virtude de espaço não puderam estar aqui) representam esta “utopia comunitária”, vislumbrada por ele. Somam-se a eles autores mais jovens ainda igualmente não conformistas: Antonio Moura, cuja experimentação de formas vem acompanhada de um grande sentido de brasilidade e Anibal Cristobo, um argentino que optou por escrever também em português, refletindo lingüisticamente as intensas mudanças do mundo de hoje. Por fim, quero agradecer a Marjorie Perloff, Douglas Messerli, Michael Palmer, Charles Bernstein e Robert Creeley pelo diálogo permanente, que viabilizou a existência de alguma poesia brasileira atual nos EUA.

espaços, de emiliana cruz (Viseu: Palimage, 2002)

Emiliana cruz publicou os seus primeiros poemas na 11ª série da revista *Oficina de Poesia* e não podemos deixar de nos alegrar — nos, leitores ávidos à procura de alguma inovação na escrita — perante a responsabilidade e, sobretudo, perante o desafio, que a editora Palimage assumiu ao trazer à luz a diferença e o experimentalismo de alguns jovens poetas ligados a este projecto que é, desde 1997, a *Oficina de Poesia*. A escritora acaba de publicar também numa revista de poesia e cultura que se tem vindo a firmar no espaço literário brasileiro, nomeadamente de S. Paulo. Esta revista internacional chama-se *Sibila* e é dirigida por um dos poetas mais reconhecidos de actual geração da poesia brasileira, Regis Bonvicino. Mas também, nos diálogos internacionais em que a poesia de emiliana cruz intertem, não posso deixar de mencionar a sua estreita relação com alguns autores do movimento de poesia visual e concretista norte-americano, nomeadamente com Mike Basinski, também na sua relação com a escola *Language* de nova iorque.

Estes diálogos tornam-se desde logo evidentes no título do livro — *espaços* — e em qualquer dos poemas nele incluídos. O som torna-se, nesta poesia, não só uma matéria no tempo, mas também espaço. A música difícil, que aqui se faz ouvir, remete-nos para a liberdade do improviso e do jazz — em “projectos silenciados” e “músicas indecifráveis”, que se abrem e se fecham, multiplicando os gestos fer-

## RECENSÃO

e Duda Machado — começou poeta concreto, para, depois de escrever uma obra monumental, de curiosa incoerência, com *Colômbia* (1975), lutar um compromisso com os valores do concretismo, que iria tocar a todos os poetas novos de perto. A respeito de seu trabalho, transcrevo, de novo, Alfredo Dick: “[...] um nome à parte que evoca uma presença irradiadora, não só poética mas cultural, é a do de Leônico, que morreu, jovem, ainda, em 1969. A sua trajetória [...] trouxe à luz as fraturas de toda vanguarda pós-68. Leminski tentou criar não só uma escrita mas uma antropologia poética pela qual a aposta no acaso e nos técnicas ultratranscendentes de comunicação não inibissem o apelo a uma utopia comunitária”. De algum modo, estes cinco novos poetas (e outros que em virtude do espaço não puderam estar aqui) representam esta “utopia comunitária”, vislumbrada por ele. Somando-se a eles outros não tão jovens ainda igualmente não conformistas: Anziano Moura, cuja experimentação de formas vem acompanhada de um grande sentido de irradiação; André Cristóvão, um argentino que chega por escrever também em português, refletindo flagrantemente as recentes mudanças do mundo de hoje. Por fim, quero considerar a Ana Inge Perloff, Douglas Kosovik, Michael Vainek, Charles Bernstein e Robert Creeley pelo diálogo permanente, que vivificam a existência de alguma poesia brasileira atual no B.A.

RECENSO

**espaços, de emiliana cruz (Viseu: Palimage, 2002)**

emiliana cruz publicou os seus primeiros poemas na 1ª série da revista *Oficina de Poesia* e não podemos deixar de nos alegrar — nós, leitores ainda à procura de alguma inovação na escrita — perante a responsabilidade e, sobretudo, perante o desafio, que a editora Palimage aceitou, ao trazer à luz a diferença e o experimentalismo de alguns jovens poetas ligados a este projecto que é, desde 1997, a *Oficina de Poesia*. A escritora acaba de publicar também numa revista de poesia e cultura que se tem vindo a firmar no espaço literário brasileiro, nomeadamente de S. Paulo. Esta revista internacional chama-se *Sibila* e é dirigida por um dos poetas mais representativos da actual geração da poesia brasileira, Régis Bonvicino. Mas também, nos diálogos internacionais em que a poesia de emiliana cruz intervém, não posso deixar de mencionar a sua estreita relação com alguns autores do movimento de poesia visual e concretista norte-americano, nomeadamente com Mike Basinski, também na sua relação com a escola L=A=N=G=U=A=G=E de Nova Iorque.

Estes diálogos tornam-se desde logo evidentes no título do livro — *espaços* — e em qualquer dos poemas nele incluídos. O som torna-se, nesta poesia, não só uma matéria no tempo, mas também uma matéria no espaço. A música difícil, que aqui se faz ouvir, remete-nos de imediato para a complexidade do improvisado e do jazz — em “trajectos silenciados” e “músicas indecifráveis”, que se abrem e se fecham, multiplicando os sentidos fei-

tos corpo na voz que se expõe. A voz que, nessa entrega, por cada palavra se deixa morrer:

(...)

ouço mãos severas  
que dançam músicas indecifráveis

às vezes é o corpo fundido

movido em trajectos silenciados

sinto a saliva saliente

de volta

em maré alta

morrendo ao expor-se

("saliva saliente", p. 24)

O experimentalismo desta escrita pode levar-nos à portuguesa década de 60 – que a alguns nos soube a muito pouco, sobretudo pelos poucos poetas que nos ficaram para continuar a problematizar a política do poético, questionando o modelo de linguagem dominante e as regras ou leis do espaço literário. Essa é, como costume dizer, a forma mais radical de exercer o político – algo que, de resto, as vanguardas modernistas, do início do séc. XX, peceberam muito bem. É na relação entre a consciência do humano e a linguagem que o poder se firma e, centrando o seu trabalho nessa relação, emiliana cruz desafia esse poder, desafiando simultaneamente o músculo do cérebro, a fim de que ele exerça um pensamento livre.

A primeira das três partes, que constituem estes *es-pa-ços*, intitula-se "cientificidades" e o carácter plural deste título obriga-nos ao relativismo – que não será do "tanto faz" irresponsável de algum pós-

-modernismo, mas antes um relativismo que exige – a cada leitor – o pensamento e a acção.

Veja-se o poema “fenómenos orbitais” (p.9), reparando no destaque dado pelo espaço, que permite uma segunda leitura de dois versos arrumados à direita:

pelos olhos  
órbitas manipuladas

O carácter circular e cósmico do poema repõe-nos ecologicamente – a nós, humanos – no espaço da natureza e do cosmos: no todo em que nos integramos. Mas, o que se destaca no espaço é essa humana condição de termos nascido já no ciclo da história: um ciclo marcado nas palavras, que já nos ensinam a olhar (desde o momento em que as aprendemos). Olhamos para o mundo já com a forma com que a linguagem nos ensinou a olhá-lo e, por isso, as nossas órbitas são manipuladas. Esse fenómeno orbital tem que ver com o movimento – o movimento dos olhos à volta da linguagem, à volta da literatura (à volta das folhas, diz-nos a poeta), mas também à volta de nós próprios que, dentro do mundo e do cosmos, somos levados em órbitas inevitáveis. O trabalho laboratorial que é “arrumar etiquetar organizar e uniformizar” surge-nos como uma violência, quando nos colocamos no âmbito da metáfora central do texto, que nos obriga a olhar a linguagem como uma galáxia, um corpo imenso em movimento, transportando outros corpos e outros movimentos, que não podemos controlar – “o ilegível dos fenómenos orbitais”, diz a poeta. As partículas metafóricas surgem-nos pois como “vocabulares portas corporais” “grafadas” no som – portas que momentaneamente nos abrem os olhos para outras imagens da galáxia que existe: não só no cosmos, mas também no humano e na linguagem.

O experimentalismo de emiliana cruz passa também pela inovação vocabular: pela introdução de um campo lexical eminentemente científico [da biologia à física, à astronomia), numa espécie de jogo com a ironia que, subitamente, se torna muito séria. Num poema como "antologia racionalista" (p. 10), a objectividade parece inoperante quando encontramos a proliferação dos sentidos nas "palavras prismáticas". A "verticalidade da vírgula" perante o caos e o indeterminismo não passa, segundo a poeta, de uma "sanidade no costume rítmico", uma espécie de "tubo de ar" onde o silêncio e a dúvida se estreitam e se limitam. As sílabas de "silencio-so" bem destacadas, deixam-nos o desejo — o cio — ao meio: o desejo da criação, o desejo do todo da sabedoria, o pecado original. O racionalismo em "compêndios escorregadios" ajuda-nos, contudo (de forma limitada e contra a nossa própria humanidade, diria Robert Duncan), a arrumar o mundo, dando-nos, ainda que só de forma ilusória, "a certeza". E este é precisamente o título do terceiro poema de "cientificidades" (pp.11-12). Ao léxico da ciência começa já a juntar-se o léxico convencionalizado como o do espaço do feminino. Algo que nos surgia já no final do poema anterior — "(a)bordam" — e a que agora se junta mais uma agulha e uma linha: "protões d a n ç a n t e s/ em linha espectrais/ cosem o cristal do som".

De novo, a utilização do espaço faz com que outro poema se forme à direita da página: "língua/ núcleo/ perdido// acaso// corpo// núcleo// provável// órbita.// probabilidades.// Máquina(s)".

"inspirações" é a segunda secção do livro e, desde logo, as aspas no título nos trazem a atitude distanciada da autora perante aquela que é a grande palavra do acto poético romântico.

Pessoa dizia que há poetas que sabem florir e poetas que são carpinteiros. "O ardor esculpido na ponta dos dedos", imagem do poema "fronteiras" (p.15), dá-nos, creio, uma imagem um pouco mais verdadeira sobre este acto de dar forma. Há sempre dedos de carpinteiro ou de pedreiro a

esculpir o poema: a esculpir o ardor que é a inspiração, "outro ventre/ estranho// ao centro/incerto// espaço ocupado" que, como num parto, a/o poeta tem de expulsar – à força do ventre, à força do corpo, à força dos dedos. O jogo com "si(g)n(o)al" fala-nos disso mesmo: dessa enorme necessidade de expulsar o "eu" (os "eus"), de expulsar o signo a partir de dentro – um sinal de si e da palavra. Um expulsar que é cósmico e físico: um expulsar que é o princípio feminino de toda a criação.

"alinhavo" (pp. 21-22) é mais um poema que marca a voz de emiliana cruz como uma voz de mulher. Uma espécie de manual de instruções para fazer – com as mãos – o tecido das palavras e, desse tecido, o poema como uma roupa para a poeta que reconhece a sua própria mortalidade e a possibilidade de o acto de escrita lhe servir de eterna redenção: "com-/ torno o soluç(id)o por-/ vir/ – é como se a morte enrugasse/ a saliva no/ alinhavo". Em "o óculo no lápis" (pp. 25-26), é como se o lápis da poeta transportasse um óculo e, através dele, a poeta se visse corpo – outro corpo, voz fora de si, um outro "eu" – pelas mãos da artesã que, no encontro com o limite e a morte, procura (nas células desse som que é o poema) uma porta para um entendimento outro, uma porta para o sentido oculto. Escrever no limite do sentido "sano" parece ser a grande violência desta linguagem. A lembrar o teórico Jean-Jacques Lecercle, encontramos um "sussurro" que se faz "urro", ("vozes suss urradas", p. 28), uma poesia que expõe a enormidade da vida e, aí, não pode eximir-se a deixar igualmente exposta a enormidade da morte: da morte do corpo da linguagem e da própria morte do corpo da poeta.

A última parte destes *espaços* de emiliana cruz tem como título "derivações". O nome de Robert Duncan ecoa aqui. Duncan acreditava, tal como a poeta acredita, que a originalidade genial e romântica não existe. Nascemos tarde, muito depois de a linguagem ter nascido, depois de muitos séculos de muita literatura e muitos poetas e "esses legisladores desconhecidos do mundo", como lhes chamava Shelley, deixaram a sua marca

na linguagem — um barro que se coze nos fornos da História. Por isso, todos somos derivativos. Como não se pode inventar uma linguagem pura e original, todos os poetas não fazem mais do que derivar do que já existe. Esta última secção do livro é uma homenagem prestada à pequena comunidade poética de que a autora faz parte há já alguns anos: aos poetas da "Oficina de Poesia", a quem emiliana cruz dedica este livro. Mas uma homenagem também aos convidados que têm passado por este curso livre de poética e escrita criativa: gente da escrita, mas também de outras artes e ciências, que tem pontualmente colaborado e dialogado com o grupo. É o caso de Fernanda Maria Simões, uma jovem realizadora, que veio apresentar um filme seu, premiado, sobre os idosos da baixa coimbrã. Um filme a que deu o título de *Velhas Poesias* e de onde a poeta de *espaços* deriva um poema.

Da metamorfose e da poesia alquímica de Daniel Matos, do monólogo dramático de eivos surrealistas de Pedro Fabião e do minimalismo de Sandra Guerreiro, três dos colegas da Oficina, três outros poemas se derivam, provando-se até que também há poesia numa história de detectives e de fantástico, como no poema escrito a partir de *O Enigma do Mandarim* de Ruth Rendell.

E termino, tal como o livro termina, com a questão do poético e do político: a questão da política da linguagem que nos leva à política da ciência, à política da filosofia, à política do corpo, à política do feminino, à política do mundo. Uma espécie de universo linguístico a traduzir o universo da física de Bohm, em que as pregas se vão desdobrando no espaço/tempo que a poeta faz, em metáfora, nas humanas "rugas que dolorosamente se enchem", num poema sobre os terríveis acontecimentos na história recente de Timor (p. 42):

a diplomacia encabeçada. pelo nada  
de ninguém  
ao redor da ancestralidade de não-ser  
e não-ter.  
gentes-lápides  
quentes  
só. gotas em série. vermelhas  
de fuga  
retinas fugazes ao ar  
retinas pelos canos polvorosos

faces sem choro choro sem voz voz sem palavras  
palavras perdidas nas bocas

d e s e n -  
c o r p o -  
r a d a s

a diplomacia encabeçada por  
c a t a n a s  
enrolam aos pescoços as lajes  
vermelhas

vermelhas as fugas  
vermelhas as retinas  
vermelhas as águas  
vermelho o silêncio

as unhas dançando sobre as rugas de espaço que esperam que  
dolorosamente se encha

Um poema que poderia ter sido escrito sobre qualquer outro lugar, dos muitos neste mundo, onde a opressão e o sofrimento humano existem — lugares onde imperam o desrespeito pelos direitos humanos e o desrespeito pelo sentido sagrado da existência. Trata-se também de um poema derivativo dos próprios *media*, sobretudo das imagens televisivas. O que me faz lembrar uma afirmação de um dos pais da escola L=A=N=G=U=A=G=E norte-americana, Charles Bernstein. Diz o poeta: “A poesia deve ser pelo menos tão interessante como a televisão e bastante mais surpreendente”. emiliana cruz, neste seu primeiro livro, nestes seus primeiros *espaços* — nestes *es pa ços* e nestes *passos* — deixa-nos, indubitavelmente, uma prova provada dessa verdade.

**essências, de natália teles nunes (Viseu: Sagesse, 2000).**

Lançado ainda em 2000, *essências*, o primeiro livro de natália teles nunes, traz-nos mais uma jovem voz do Curso Livre "Oficina de Poesia", da Universidade de Coimbra.

natália teles nunes foi uma das primeiras participantes da Oficina, ainda quando se tratava apenas de um pequeno grupo de discussão, em 1996. Entre outras pequenas publicações, tem trabalho publicado na revista *Oficina de Poesia* (1ª e 2ª séries) e foi uma das jovens poetas a apresentar trabalho, em 1998, no 3º Encontro Internacional de Poetas de Coimbra.

Neste livro, *essências*, é sobretudo o trabalho sobre o som que se destaca, bem como uma escrita de carácter orgânico. Um trabalho que nos dá conta não só do erotismo presente no corpo, mas também, e sobretudo, da estreita relação deste com o erotismo no corpo que é a matéria da linguagem. Veja-se o primeiro poema do livro: "e os dedos espalham gargalhadas/e espelham-nas a escorrer pelos olhos/dentro do corpo o som que estalido".

A poeta aventura-se por formas híbridas, indo de uma regularidade rimática e estrófica, em lírica bem inscrita na tradição portuguesa, até à prosa que se multiplica em fragmentos de carácter metapoético, como, por exemplo, num texto que começa com uma epígrafe de Lautréamont e cuja sequência em português se lê: "a planície da ordem pode ser em si mesma. acredito que posso destruir a torre de babel, contornar todos os círculos no ciclo da existência. porque a linguagem é só uma, apesar do pensamento

do diverso. deus é um. a mulher é uma. o homem é um. e o mosaico é o todo da planície”. (p. 9).

A marca surrealista das ambiências oníricas é flagrante nesta obra, com o tempo a fundir-se no espaço e sempre a devolver-nos ao silêncio – que não é entrópico, mas criativo.

Estes poemas de *essências* são poemas sobre o amor e a linguagem, poemas que nos desenham um percurso de aprendizagem, poemas de passagem para um conhecimento – um outro conhecimento das múltiplas identidades poéticas e das palavras. Há aqui uma Queda na palavra e um distanciamento de uma escrita passada. Descobrimos uma poeta que permanentemente se distancia do que já escreveu para se entregar a um caminho de descoberta, de experimentação e de aprendizagem das formas, como parece afirmar-se num quase manifesto da sua expressão poética, no poema “de-tensão das consciências dos ritmos”: “(...) mãos perfuram-lhe o corpo e a sensibilidade. cabeças/ constroem um círculo lunar à sua volta. os seus pés estão à/ beira da linha da fronteira da vida, sem saber a determinação/ dos espaços, sem deter o princípio e o fim da sua chegada ou/ da sua partida. da sua sorte”. (p. 26).

Este é o tipo de poeta que encontramos em páginas transformadas em lances de dados – a ecoar Mallarmé. O tipo de poeta cuja única autoridade é o não-saber: o não-saber o que quer dizer – e estar a dizê-lo, como afirmou John Cage. Encontramos um diálogo com tradições outras, além da portuguesa. Um diálogo que procura produzir a transformação e a diferença: a variação a desafiar um universo crítico que parece quase sempre demasiado preocupado com a repetição de modelos.

Há uma nova geração na poesia portuguesa e, não tenho dúvidas, o nome da poeta natália teles nunes faz parte dessa geração.

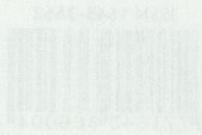
## ÍNDICE

Cristina Néry .....	5
terrassilva .....	7
Adília Lopes .....	9
Ana Hatherly .....	16
Manuel Portela .....	19
Casimiro de Brito .....	31
A. Manáguia .....	34
Leonard Schwartz .....	35
Maria da Conceição Ruivo .....	39
A. Manáguia .....	44
John Havelda .....	45
A. Manáguia .....	50
Alexandre Cartaxo .....	51
Ana Cristina Pereira .....	52
Pedro Ferreira .....	53
A. Manáguia .....	54
António Vilhena .....	55
A. Manáguia .....	56
Paulo Barbosa .....	57
A. Manáguia .....	62
Filipe Cravo .....	63
A. Manáguia .....	66
Carla Branha .....	67

Carla Vaz .....	69
Nuno Carrilho .....	70
Cristiana Gaspar .....	71
Kalash .....	73
Miguel Carvalho .....	75
Nuno Carrilho .....	76
natália teles nunes .....	77
Nuno Carrilho .....	79
Pedro Fabião .....	81
Nuno Carrilho .....	84
Rui Bastos .....	85
Nuno Carrilho .....	88
Susete Fetal .....	89
Paulo Dias .....	91
Cláudia Afonso .....	93
João Rasteiro .....	95
terrassilva .....	97
Sandra Rosa .....	98
Tiago Faria .....	99
Sandra Rosa .....	102
Luís Fazendeiro .....	103
Martin Earl .....	106
Michel Delville .....	114
Linda Russo .....	132
Régis Bonvicino .....	145
Graça Capinha .....	153

Este livro, *Oficina de Poesia, n.º 1 - série II*,  
foi composto, impresso e brochado na Secção de Artes  
Gráficas das Oficinas de Trabalho Protegido da APPACDM  
de Braga, Quinta do Amorim - Gualtar, Braga. Acabou  
de imprimir-se no mês de Julho do ano dois mil e dois

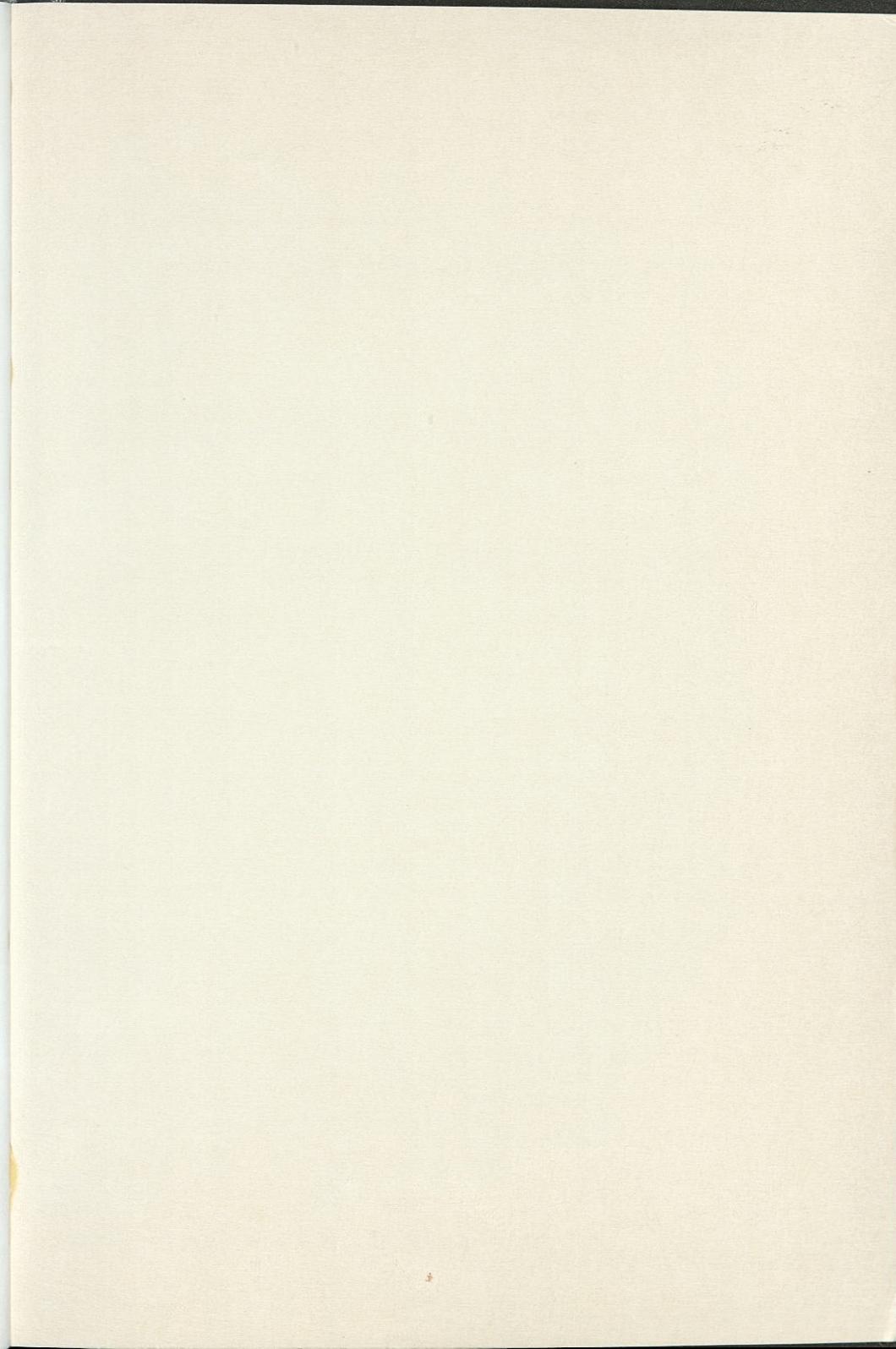
Carta del	69
Maria Carolina	70
Crónicas de	71
Amal	73
Amor Carolina	75
Maria Carolina	76
Amor Carolina	77
Maria Carolina	79
Maria Carolina	81
Maria Carolina	84
Amor Carolina	85
Maria Carolina	86
Amor Carolina	89
Maria Carolina	91
Amor Carolina	92
Maria Carolina	93
Amor Carolina	95
Maria Carolina	97
Amor Carolina	98
Maria Carolina	100
Amor Carolina	101
Maria Carolina	102
Amor Carolina	104
Maria Carolina	106
Amor Carolina	107
Maria Carolina	109
Amor Carolina	111
Maria Carolina	112
Amor Carolina	114
Maria Carolina	115
Amor Carolina	117
Maria Carolina	119
Amor Carolina	121
Maria Carolina	123
Amor Carolina	125
Maria Carolina	127
Amor Carolina	129
Maria Carolina	131
Amor Carolina	133
Maria Carolina	135
Amor Carolina	137
Maria Carolina	139
Amor Carolina	141
Maria Carolina	143
Amor Carolina	145
Maria Carolina	147
Amor Carolina	149
Maria Carolina	151
Amor Carolina	153



ISSN 1645-3662



9 771645 366004



Apoios:



Reitoria da Universidade de Coimbra  
Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



CES - Centro de Estudos Sociais